

**OBSERVATÓRIO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+  
NO BRASIL - 2020**

**RELATÓRIO**





**Copyright © 2021 por Acontece Arte e Política LGBTI+; Grupo Gay da Bahia (GGB).**

A distribuição deste material é gratuita e sua reprodução total ou parcial é permitida desde que citada a referência.

### **Organização**

Alexandre Bogas Fraga Gastaldi – Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (UFSC)

Luiz Mott – Doutor em Antropologia (UFBA)

José Marcelo Domingos de Oliveira – Doutor em Ciências Sociais (UniAGES)

Carla Simara Luciana da Silva Ayres – Doutora em Sociologia Política (UFSC)

Wilians Ventura Ferreira Souza – Mestrando em Geografia (UNESP)

Kayque Virgens Cordeiro da Silva – Graduado em Geografia (UNESP)

### **Colaboradores**

Toni Reis e Coordenadores Estaduais da Aliança Nacional LGBTI+

Marcelo Cerqueira - Grupo Gay da Bahia (GGB)

Fabricio Bogas Gastaldi – Acontece Arte e Política LGBTI+

### **Produtos Cartográficos (Mapas)**

Wilians Ventura Ferreira Souza – Mestrando em Geografia (UNESP)

Kayque Virgens Cordeiro da Silva – Graduado em Geografia (UNESP)

### **Layout e Revisão Final**

Alexandre Bogas Fraga Gastaldi – Acontece Arte e Política LGBTI+

Wilians Ventura Ferreira Souza – Mestrando em Geografia (UNESP)

Kayque Virgens Cordeiro da Silva – Graduado em Geografia (UNESP)

Valmor Manoel Vieira Neto – Acontece Arte e Política LGBTI+

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

O48m

Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020: Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia; /Alexandre Bogas Fraga Gastaldi; Luiz Mott; José Marcelo Domingos de Oliveira; Carla Simara Luciana da Silva Ayres; Wilians Ventura Ferreira Souza; Kayque Virgens Cordeiro da Silva; (Orgs). – 1. ed. – Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021. 79 p.

ISBN: 978-65-994905-0-7

1. Brasil – Violência – LGBTI+ 2. Homicídio – Latrocínio Suicídio – Homosbobitransfobia. I. Título.

CDU: 316.346.2-055.34(813.7)

---

**ACONTECE ARTE E POLÍTICA LGBTI+**  
**GRUPO GAY DA BAHIA (GGB)**

**RELATÓRIO:**  
**OBSERVATÓRIO DE**  
**MORTES VIOLENTAS**  
**DE LGBTI+ NO BRASIL**  
**EM 2020**

Alexandre Bogas Fraga Gastaldi  
Luiz Mott  
José Marcelo Domingos de Oliveira  
Carla Simara Luciana da Silva Ayres  
Wilians Ventura Ferreira Souza  
Kayque Virgens Cordeiro da Silva

**Copyright © 2021 por Acontece Arte e Política LGBTI+; Grupo Gay da Bahia**

A distribuição deste material é gratuita e sua reprodução total ou parcial é permitida desde que citada a referência.



*Torturar corpos é menos eficaz que moldar mentalidades. Se a maioria das pessoas pensa de forma contraditória em relação aos valores e normas institucionalizados em leis e regulamentos aplicados pelo Estado, o sistema vai mudar, embora não necessariamente para concretizar as esperanças dos agentes da mudança social. É por isso que a luta fundamental pelo poder é a batalha pela construção de significado na mente das pessoas. (CASTELLS; 2014, p. 15).*

# SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b> .....	9
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	13
2.1. FONTE DAS NOTÍCIAS SISTEMATIZADAS.....	21
<b>3. A VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO LGBTI+ NO BRASIL</b> .....	23
<b>4. PERFIL DAS VÍTIMAS E OUTRAS INFORMAÇÕES</b> .....	28
4.1. FAIXA ETÁRIA DAS VÍTIMAS.....	28
4.2. COR DAS VÍTIMAS.....	29
4.3. OCUPAÇÃO/PROFISSÃO DAS VÍTIMAS.....	31
4.4. CAUSA MORTIS.....	32
4.5. LOCAL DA MORTE.....	34
4.7. ORIENTAÇÃO SEXUAL DAS VÍTIMAS.....	35
4.8. IDENTIDADE DE GÊNERO DAS VÍTIMAS.....	36
4.9. PERFIL DAS VÍTIMAS QUE SE SUICIDARAM.....	38
<b>5. ESCALAS DAS MORTES DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2020</b> .....	39
<b>6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E SUGESTÕES</b> .....	65
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	68

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Casos de mortes violentas de LGBT+ no Brasil de 2000 a 2020 .....	24
<b>Tabela 2</b> - Distribuição das mortes por faixa etária e segmento .....	28
<b>Tabela 3</b> - Distribuição das mortes por cor e segmento .....	30
<b>Tabela 4</b> - Ocupação/profissão das vítimas .....	31
<b>Tabela 5</b> - Causa Mortis de LGBTI+ em 2020 .....	33
<b>Tabela 6</b> - Local da morte.....	34
<b>Tabela 7</b> - Período da morte .....	34
<b>Tabela 8</b> - Ranking dos 20 municípios mais violentos .....	43
<b>Tabela 9</b> - Mortes de LGBTI+ distribuídas a partir das cinco grandes regiões .....	47
<b>Tabela 10</b> - Distribuição das mortes de LGBTI+ na região Norte .....	51
<b>Tabela 11</b> - Distribuição das mortes de LGBTI+ na região Centro-Oeste .....	54
<b>Tabela 12</b> - Distribuição das mortes de LGBTI+ na região Nordeste.....	57
<b>Tabela 13</b> - Distribuição das mortes de LGBTI+ na região Sudeste .....	60
<b>Tabela 14</b> - Distribuição das mortes de LGBTI+ na região Sul.....	63

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Número de mortes de LGBTI+ por ano 1990 a 2020 .....	9
<b>Gráfico 2</b> - Mortes de LGBTI+ em 2020 por segmento .....	25
<b>Gráfico 3</b> - Distribuição das mortes por faixa etária.....	29
<b>Gráfico 4</b> - Mortes de LGBTI+ por cor .....	30
<b>Gráfico 5</b> - Orientação sexual das vítimas.....	35
<b>Gráfico 6</b> - Identidade de gênero das vítimas.....	36
<b>Gráfico 7</b> - Orientação sexual das vítimas que se suicidaram .....	38
<b>Gráfico 8</b> - Identidade de gênero das vítimas que se suicidaram .....	39

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1</b> - Desconstrução das notícias de acordo com as variáveis selecionadas .....	18
--------------------------------------------------------------------------------------------	----

## **LISTA DE FIGURA**

<b>Figura 1</b> - Representação dos dados absolutos e relativos .....	19
-----------------------------------------------------------------------	----

<b>Figura 2</b> - Fonte das informações coletadas na construção do relatório .....	22
------------------------------------------------------------------------------------	----

## **LISTA DE INFOGRÁFICO**

<b>Infográfico 1</b> - Procedimentos metodológicos .....	16
----------------------------------------------------------	----

<b>Infográfico 2</b> - Escalas de representação dos dados .....	40
-----------------------------------------------------------------	----

## **LISTA DE MAPAS**

<b>Mapa 1</b> - Espacialização das mortes de LGBTI+ no Brasil em 2020 por Municípios.....	42
-------------------------------------------------------------------------------------------	----

<b>Mapa 2</b> - Espacialização das mortes de LGBTI+ no Brasil em 2020 por Região .....	46
----------------------------------------------------------------------------------------	----

<b>Mapa 3</b> - Espacialização das mortes de LGBTI+ no Brasil em 2020 - Região Norte .....	50
--------------------------------------------------------------------------------------------	----

<b>Mapa 4</b> - Espacialização das mortes de LGBTI+ no Brasil em 2020 - Região Centro-Oeste.....	53
--------------------------------------------------------------------------------------------------	----

<b>Mapa 5</b> - Espacialização das mortes de LGBTI+ no Brasil em 2020 - Região Nordeste .....	56
-----------------------------------------------------------------------------------------------	----

<b>Mapa 6</b> - Espacialização das mortes de LGBTI+ no Brasil em - Região Sudeste .....	59
-----------------------------------------------------------------------------------------	----

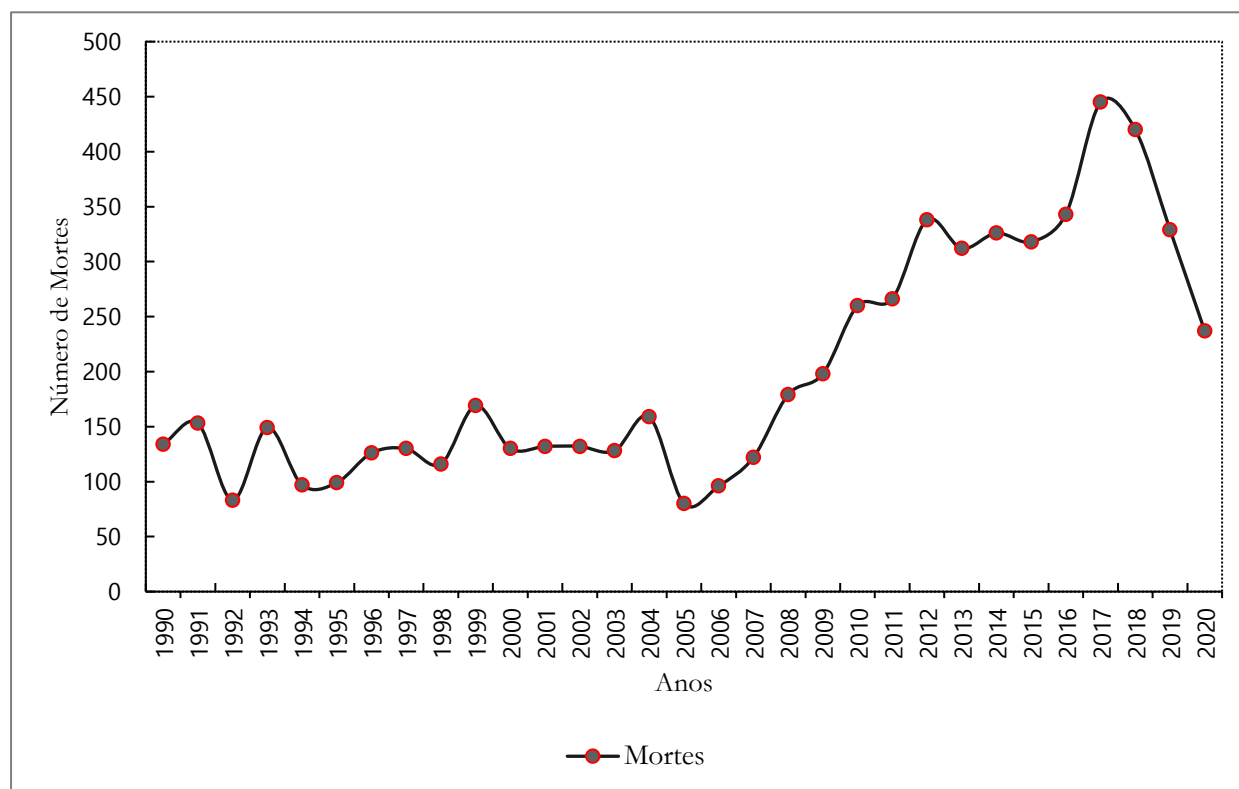
<b>Mapa 7</b> - Espacialização das mortes de LGBTI+ no Brasil em 2020 - Região Sul .....	62
------------------------------------------------------------------------------------------	----

<b>Mapa 8</b> - Mapa Síntese.....	79
-----------------------------------	----

## 1. APRESENTAÇÃO

O relatório “Observatório das Mortes Violentas De LGBTI+<sup>1</sup> No Brasil – 2020” representa um esforço coletivo e intencional de evidenciar as diferentes questões que envolvem a violência e os processos de violação que lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexos e demais variações biológicas de sexo, identidades de gênero e orientações sexuais não hegemônicas (LGBTI+) sofrem cotidianamente por fugirem de um padrão socialmente imposto e referenciado a partir da heteronormatividade, binariedade e cisnormatividade<sup>2</sup>.

**Gráfico 1** - Número de mortes de LGBTI+ por ano 1990 a 2020



Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

<sup>1</sup> Para uma melhor compreensão do texto, adotamos a sigla LGBTI+ (significando Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexos e demais variações Biológicas de Sexo, Identidades de Gênero e Orientações Sexuais não hegemônicas), que designa um coletivo de sujeitos genericamente concentrados dentro da categoria maior “diversidade sexual”.

<sup>2</sup> Cisnorma é um conceito que ganha abrangência na literatura acadêmica brasileira na segunda década do século XXI e denota a normalidade que legitima como saudáveis, naturais e verdadeiras apenas as pessoas que se identificam com o sexo que lhes foi designado ao nascimento, sempre assumindo a binariedade homem/mulher. (BONASSI, 2017) Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/182706/349130.pdf>



O gráfico 1, concentra o número de assassinatos de LGBTI+ de 1990 a 2020. Em um primeiro momento, torna-se explícito o crescimento no número de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil. No ano de 1990, foram assassinadas no Brasil 164 LGBTI+, vinte anos depois, em 2010, foram assassinadas 260 LGBTI+ no Brasil, um aumento de aproximadamente 60% no número de mortes. Entretanto, o maior número de mortes registrado foi no ano de 2017, quando foram documentadas 445 mortes de LGBTI+ no Brasil, segundo o relatório produzido pelo Grupo Gay da Bahia (2018). Em 2020 observa-se novamente uma queda no registro de mortes motivadas pela LGBTIfobia em nosso país, comparativamente ao ano de 2019, 2020 registrou uma queda de 28% acumulando um total de 237 mortes. Apesar da redução quantitativa, ressalte-se que não existem motivos reais e factíveis para se comemorar, a redução no número de mortes motivadas pela LGBTIfobia não se deu pelo incentivo do Estado na promoção de políticas públicas de inclusão e proteção desse segmento, mas sim, por uma oscilação numérica imponderável e pela enorme subnotificação identificada durante as buscas, pesquisas e registros e também pelo desmonte – a partir de 2018 – dos investimentos em políticas públicas, campanhas de incentivo à denúncia e proteção às vítimas.

Em 2020, apesar de registrar-se um número de mortes (homicídios, suicídios e latrocínios) significativamente menor que o ano anterior (2019), alerta-se para a subnotificação e os efeitos provocados pela pandemia do Novo Coronavírus (*SARS-CoV-2 - severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*) que intensificou ainda mais o isolamento de muitos LGBTI+, tendo em vista que dada população já era impactada pela falta de sociabilidades, referências e espaços. A pandemia reduziu a mobilidade de grande parcela dos brasileiros que agora se veem obrigados a seguir as medidas obrigatórias de contenção da doença, incluindo o isolamento social, que obriga todos os grupos a permanecerem em suas residências. Ainda que os dados apresentem uma redução, não há o que celebrar, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos continuam morrendo por resistirem pela liberdade de seus corpos, sexualidades e vida.

É inegável a existência da violência contra essa comunidade. Ao mesmo tempo, destaca-se que não é uma violência qualquer fruto de um processo de formação socioespacial desigual, é uma violência que mata, fere e brutaliza esses corpos, expondo-os ao ridículo e a extremos processos de exclusão por serem quem e como são.

A sexualidade, envolve como aponta Louro (2020, p. 90) “geração, raça, nacionalidade, religião, classe, etnia “. Todas essas esferas em constante dialogo e relação, constroem os sujeitos, erigindo a partir de suas vivências e práticas espaciais diferentes formas de enxergar e apreender o mundo que lhes é apresentado. As sexualidades tidas como “desviantes” e que rompem com um “CIStema”, baseado nas normas e “leis” da heteronormatividade, binariedade e cisnormatividade, sofrem diferentes processos de

exclusão/violência/marginalização/subjetivação e, que se acumulam em diferentes escalas, até mesmo na escala do corpo, representadas pelas marcas violentas explícitas em diferentes sujeitos (SOUZA, FELICIANO; 2020).

A heterossexualidade é imposta a homens e mulheres na tentativa de controlar os seus corpos e vidas e o resultado dessa imposição é lamentável, visto que milhões de pessoas são impedidas de viverem sua plena sexualidade e liberdade<sup>3</sup>. As práticas espaciais desses sujeitos também nos revelam o medo contido a partir dessa imposição, portanto, o “estabelecimento dessa mesma conduta social conta com o suporte de uma série de instituições e se traduz na perseguição e no combate à diversidade sexual e de gênero” (ASSUNÇÃO; 2018, p. 55).

A construção das sexualidades nos moldes da heteronormatividade se dá a partir de um antagonismo em que o homem é exatamente o oposto da mulher, em que o heterossexual é o contrário do homossexual e assim por diante, dessa forma alguns valores contidos em algumas expressões sexuais e de gênero são supervalorizados enquanto outros menosprezados. Com isso, “a construção do “ser homem” é permeada pelo reforço de uma “virilidade”, demonstração de força, impossibilidade de demonstrar fraquezas e vulnerabilidades, contenção de sentimentos, etc.” (NOGUEIRA, 2018, p. 38).

A LGBTIfobia surge a partir da expressão dessas relações sexuais e afetivas que fogem do padrão heteronormativo, bem como da cisgeneridade, essas formas de se assumir e ser espacialmente revela uma outra possibilidade ao mesmo tempo que questiona o padrão imposto, as “bixas” saem dos armários e alcançam espaços antes impenetráveis, abalam o sistema vigente e rompem barreiras, se descobrem e se libertam.

Quando mergulhamos no universo de possibilidades contidos dentro da diversidade sexual somos impactados pelas possibilidades existentes a partir de outros campos e particularidades que resultam em práticas espaciais diferenciadas, a particularidade pode ser a relação social assumida por determinado sujeito, a sua classe social, a sua etnia, sua sexualidade, sua geração, etc.

O fundamentalismo religioso tem ganhado corpo e, de certa forma, visibilidade, atingindo em cheio temas como a diversidade sexual e de gênero no Brasil a partir do acirramento dessas temáticas, colocando em risco os avanços significativos que foram resultados de décadas das lutas travadas pelos diferentes movimentos sociais, organizações e instituições.

Nesse mesmo contexto, a violência direcionada aos LGBTI+, reforça ainda mais essa conjuntura marcada pela imposição de uma norma sexual e de gênero. Essa política de Estado dotada de elementos

---

<sup>3</sup> Art. 5º da Constituição Federal: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

contraditórios e conflitivos em torno dos temas da diversidade sexual se apresenta como um dispositivo de controle e de poder sobre os corpos e as sexualidades. Dessa maneira, os movimentos conservadores constroem uma narrativa completamente equivocada em torno da diversidade e “colocam o corpo e a sexualidade em cena de modo extremamente conservador, combatendo todas as interpretações sociológicas, antropológicas e filosóficas do corpo” (CESAR; DUARTE, 2017, p. 144).

Este relatório evidencia esse processo de exclusão, isolamento social, marginalização e brutalização de corpos, vidas e pessoas que subvertem esses valores socialmente referenciados e construídos a partir de organizações e estruturas já consolidadas.

Os temas referentes ao gênero, a sexualidade, bem como a diversidade sexual estão no centro de um debate que parece infundável: de um lado avançam as discussões em torno da multiplicidade de sujeitos e maneiras de vivenciar e viverem suas sexualidades, do outro lado vê-se um retrocesso e uma tentativa de (re)naturalizar o corpo, sexo e o desejo.

O nosso objetivo é tecer uma reflexão e relatório que possibilitem o reconhecimento das desigualdades socioespaciais em relação a comunidade LGBTI+ brasileira, dado trabalho é o resultado do acúmulo de 40 anos de relatórios e informações desenvolvidas pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), que coleta, sistematiza e processa informações sobre mortes de pessoas LGBTI+ no Brasil. Nesse momento, soma-se ao Grupo Gay da Bahia a Associação Acontece Arte e Política LGBTI+ de Florianópolis, contribuindo significativamente para a elaboração do presente relatório e para a necessária adaptação metodológica que será melhor exposta no tópico metodologia.

## 2. METODOLOGIA

Antes de iniciar a exposição do passo a passo da construção do banco de dados relacionado à violência contra pessoas LGBTI+ no Brasil em 2020, é necessário realizar algumas reflexões. O que significa construir um banco de dados sobre violência? Agora, aprofundando ainda mais a questão: o que significa construir um banco de dados sobre a violência contra a população LGBTI+ brasileira?

Existem inúmeras problemáticas acerca dos bancos de dados já construídos ou dos relatórios lançados que apontam (ou não) a existência da violência contra pessoas que fogem do padrão cis-heteronormativo. O primeiro ponto a ser observado é que a construção e levantamento é feita na maioria dos casos por movimentos sociais e coletivos, evidenciando a falta de apoio do Estado na elaboração dos relatórios de violência contra essa comunidade. A segunda observação é eventual a falta de rigor metodológico e estatístico no tratamento dos dados e informações apresentadas.

Ainda que insuficientes, tivemos tentativas de esforços estatais, o presidente Fernando Henrique (PSDB) cria o Conselho Nacional de Combate à Discriminação (2001), o presidente Lula (PT) cria o Ministério dos Direitos Humanos (2003), o programa Brasil sem Homofobia (2004), Conferência Nacional LGBT (2008), Plano Nacional LGBT (2009). No governo Dilma (PT) foi criado módulo LGBT no Disque 100, o 1º Relatório Oficial sobre Violência Homofóbica no Brasil (2012); a 2ª e 3ª Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos LGBTI+ (2011 e 2015) e ocorreu a ampliação do Processo Transexualizador no SUS (2013).

No Brasil, testemunhamos, desde os primeiros anos da década de 2000, um conjunto de ações do Estado visando o reconhecimento dos direitos das mulheres e da população LGBTI enquanto Direitos Humanos fundamentais, cabendo mencionar, em particular, o direito à equidade de gênero e ao combate à violência contra as mulheres e à população LGBTI. Tais ações estatais decorriam de um conjunto de conquistas dos movimentos sociais feminista e LGBTI, que então passavam a fazer parte de uma agenda de governo e de governamento de corpos, sexualidade e gênero que poderia ser descrita como uma parceria entre Estado e movimentos sociais de caráter progressista. (CESAR; DUARTE, 2017, p. 145)

No governo interino de Temer (MDB) as demandas LGBTI+ passaram a ser somente de uma Diretoria do Ministério de Direito Humanos (2016).

No governo Bolsonaro (PSL) as pautas LGBTI+ retrocedem ainda mais, retirando das diretrizes de direitos humanos as minorias sexuais, que servem como base orientativa do recém-criado Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Propôs veto ao termo gênero e afins em resoluções a ONU, e reafirmou o entendimento de vida desde a concepção, reinserindo a discussão sobre o aborto

numa dinâmica de criminalização. Ainda nos últimos dois anos, esse fundamentalismo ganhou força e aparelhou diversas instituições públicas no país, trazendo um viés teocrático para inúmeras ações do Estado.

O judiciário que tomou a frente atendendo as principais demandas do movimento, nesse contexto de fortalecimento do neofascismo e do pânico moral contra os direitos sexuais e reprodutivos.

De qualquer forma, tem-se no Brasil importantes grupos que evidenciam e tornam geograficamente reconhecidas as múltiplas violências e as suas diferentes intensidades, isto é, desde processos relacionados a violação (violência psicológica, verbal, sexual, moral, patrimonial etc.), até os crimes de ódio – mortes cometidas com requintes de crueldade e violência.

O tratamento dos dados, o passo a passo e o rigor metodológico adotados durante a construção do presente relatório, evidenciam não somente a existência de mortes por motivação LGBTIfóbica, como também diferentes outros elementos e recortes como: classe, cor, gênero, orientação sexual, etc. É evidente e se torna necessário o debate em torno da divulgação dos dados, visto que essa reflexão feita pelos movimentos sociais, por sujeitos da sociedade civil, pelas pessoas LGBTI+, pelos municípios, estados e a esfera federal, materializa a possibilidade de se avançar na discussão em torno da(s) violência(s), da(s) violações(s), da(s) impunidade(s), além de refinarem as etapas metodológicas da construção do banco de dados, como também do rigor científico interpretativo.

Os relatórios do GGB sobre mortes violentas de LGBTI+ surgiram com o objetivo de denunciar a grave situação de violação dos Direitos Humanos dessa população no Brasil. Esta série estatística foi publicada pela primeira vez, em agosto de 1981, no Boletim do Grupo Gay da Bahia (GGB), com a nomeação de “Pesquisa: Homossexuais Assassinados no Brasil”. Naquela época “homossexuais” era o termo genérico, usado pelos próprios subgrupos, que incluía todas as categorias hoje referidas como LGBTI+.

A sistematização de tais dados serve também para demonstrar a urgência do Poder Público em construir estratégias de enfrentamento desse grave problema de violação dos direitos humanos e segurança pública, apesar da redução dos assassinatos em 2020, ainda estamos longe de um horizonte de pacificação social em relação a preservação da vida e cidadania LGBTI+ em território brasileiro.

Acrescente-se que a atmosfera preconceituosa encabeçada pelo atual Governo Federal favorece a disseminação de discursos de ódio nas redes sociais, com conseqüente inexistência de campanhas de resgate da cidadania voltadas a esse segmento, mesmo porque a regra tem sido afastar toda e qualquer inserção de lideranças LGBTI+ nas esferas de decisão de Governo, quando se assiste ao desmantelamento dos conselhos consultivos, especialmente no Ministério da Saúde e Presidência da República.



O modelo adotado neste relatório para o monitoramento de mortes violentas de LGBTI+ segue a orientação básica de identificar notícias jornalísticas publicadas em mídia brasileira e demais meios de comunicação, coleta realizada cotidianamente através de militantes e colaboradores do movimento de cidadania LGBTI+ que trabalham no formato de rede.

Somos os primeiros a reconhecer a subnotificação desta compilação, pois a mídia está longe de noticiar a totalidade dos casos, quer por ignorar a identidade de gênero ou orientação sexual das vítimas, quer devido às lacunas dos registros policiais que impossibilitam ao olhar não especializado identificar às características subjacentes às mortes violentas, mesmo porque a violência contra a população LGBTI+ é multiforme e, sem instrumentos precisos para seu monitoramento, especialmente devido à homolebobitansfobia e ao desinteresse das autoridades estatais em promover a cidadania dessas pessoas.

A subnotificação de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil, constitui um obstáculo ao verdadeiro e cruelíssimo dimensionamento dessa tragédia social, impedindo a construção de políticas públicas de enfrentamento e, o mais importante, erradicar a cultura da impunidade que cerceia e ceifa as vidas desses sujeitos.

Essa é a realidade vivenciada na seara penal, quando se observa o baixíssimo número de homicídios elucidados face daqueles esquecidos devido a graves falhas nas investigações por falta de pessoal capacitado e infraestrutura pericial, quando não por explícita ou disfarçada LGBTIfobia das forças da ordem. Aspecto amplamente denunciado pelo repórter César Menezes, para o Jornal da Globo, em 2014<sup>4</sup>, quando buscou compreender a situação da impunidade em nosso país, numa espécie de radiografia dos institutos médicos legais e institutos de criminalísticas.

A impunidade no Brasil não é uma condição presente somente em casos de homicídios contra a população em geral, ela se faz sentir nos casos de mortes violentas de LGBTI+ e, isto pode ser visualizado na tese de doutorado “Desejo, preconceito e morte: assassinatos de LGBT em Sergipe – 1980 a 2010” de Oliveira (2014), defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, quando aponta o comportamento inadequado da autoridade policial, ao presidir o inquérito e os desdobramentos nos julgamentos na Justiça.

Em síntese: não se observa no noticiário um padrão objetivo inquestionável quanto ao relato dessas mortes, ao contrário, é constante o uso inadequado de termos para designar a orientação sexual e

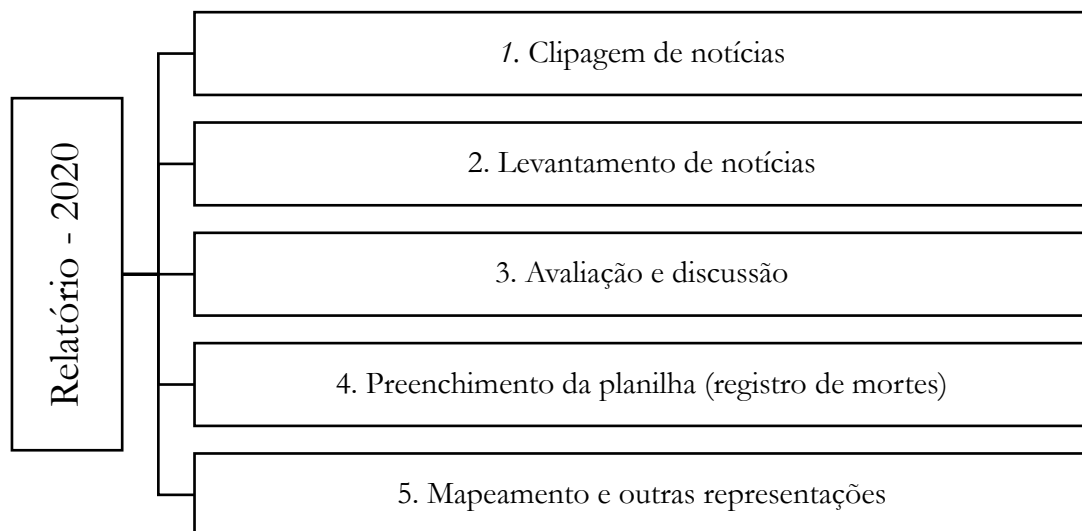
---

<sup>4</sup> A reportagem do Jornal da Globo foi exibida em cinco episódios. Na primeira parte abordou o fato da maioria dos crimes no Brasil nem sequer chegar a ser investigada pela Polícia. A segunda tratou da incapacidade da perícia em identificar todos os criminosos no Brasil. A terceira parte foi dedicada a incapacidade da polícia em processar provas e punir os culpados. A quarta explorou as etapas da condenação e suas dificuldades de efetivação e, por fim, trouxe o modelo chileno de combate à violência através da segurança pública (JORNAL DA GLOBO, 2020).

identidade de gênero da vítima, desrespeito ao nome social de travesti e transexual, forma sensacionalista para construir as manchetes e em certos casos, exposição da vítima na cena do crime, em evidente demonstração de LGBTIfobia. O mesmo se diga a respeito dos casos de agressões, tentativas de homicídios, lesão corporal grave, além das mortes violentas (homicídios, latrocínios), impondo a muitas das vítimas o esquecimento e a injustiça, quando não desaparecem para sempre, em corpos putrefatos ao relento.

Portanto, a criação de um banco de dados que concentre, classifique e abalize as formas de violência praticada contra esses sujeitos, é de suma relevância, pois servirá como suporte básico para a criação e o desenvolvimento de políticas públicas que diminuam as desigualdades existentes e potencializem um processo de cidadania dessas pessoas que lutam cotidianamente contra a violência e a falta de oportunidades.

**Infográfico 1** - Procedimentos metodológicos



Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

O infográfico 1, exemplifica e sintetiza os procedimentos e as etapas metodológicas adotadas para a construção do relatório. De forma geral, são cinco etapas percorridas e que possibilitam a finalização do presente material, são elas: 1. Clipagem de notícias 2. Levantamento de notícias 3. Avaliação e discussão 4. Preenchimento da planilha 5. Mapeamento e outras representações.

A clipagem de notícias corresponde inicialmente ao cadastramento de algumas palavras-chaves selecionadas intencionalmente após discussões e debates entre os propositores do relatório. A clipagem,

de forma geral, é o recorte de todas as informações que saem e circulam na mídia sobre determinada palavra-chave cadastrada no *Google Alerts*.

Inicialmente, é cabível informar sobre a natureza da coleta dos dados, os instrumentos utilizados, a periodicidade, para então compreender a busca diária no *Google*, com utilização de palavras chaves revistas constantemente, para assegurar a possibilidade de o buscador conseguir selecionar matérias com casos de violência e mortes de LGBTI+.

Assim, sempre começamos com os seguintes vocábulos: travesti, homossexual, gay, lésbica, transexual, bissexual, entretanto, o resultado tende a apontar matérias diversas, mesmo assim, é importante considerar o fato do *Google* ter sinalizado a data de publicação da matéria, com isso se obteve uma maior facilidade para ir direto às informações do ano em curso e, por outro lado, a leitura das manchetes também ofereceram uma importante pista quanto as categorias a serem utilizadas, em vez das palavras indicativas a orientação sexual, logo optou-se por trabalhar com “encontrado morto”, “professor morto”, “travesti morta”, entre outras palavras-chaves cadastradas na plataforma.

Nota-se também uma dificuldade em relação a localização dos casos de suicídios, apesar de o GGB ter incluído acertadamente dados dessa natureza desde a edição de 2010. É uma dimensão a ser considerada na luta pela preservação da vida LGBTI+, mesmo porque por trás desse ato extremo de morte voluntária, encontra-se a LGBTIfobia estrutural, como mobilizador do fracasso da autoestima da pessoa, minando suas forças para construir estratégias de sobrevivência em meio a tantas incompreensões e dificuldades de toda ordem, ainda mais desgastante para as minorias sexuais, desde financeiras, relacionais, afetivas entre outras.

Diariamente recebemos do *Google* relatórios com o recorte das notícias provenientes de diferentes fontes, desde as grandes empresas e corporações até as mídias alternativas que circulam em escala regional e local, relatórios que são construídos a partir do cadastramento das palavras-chaves já mencionadas. Assim, realiza-se a leitura diária dos relatórios e, conseqüentemente, levanta-se notícias que possivelmente tratam-se de homicídios ou suicídios de pessoas LGBTI+ em nosso país.

Tais notícias são salvas no formato *Portable Document Format (PDF)* em pastas organizadas de 1 a 12 (indicando o mês do homicídio, latrocínio ou suicídio). Após o levantamento das notícias, realiza-se a discussão, avaliação e pesquisa para identificar se de fato a notícia traz a informação de uma morte motivada pela LGBTIfobia.

Se a notícia levantada, lida e avaliada, de fato representar a morte de uma pessoa LGBTI+ realiza-se o registro numa planilha no formato *Excel*. É a partir desse momento que realizamos a desconstrução da notícia, isto é, selecionamos todas as informações possíveis, além de investigar a existência de outras informações complementares.

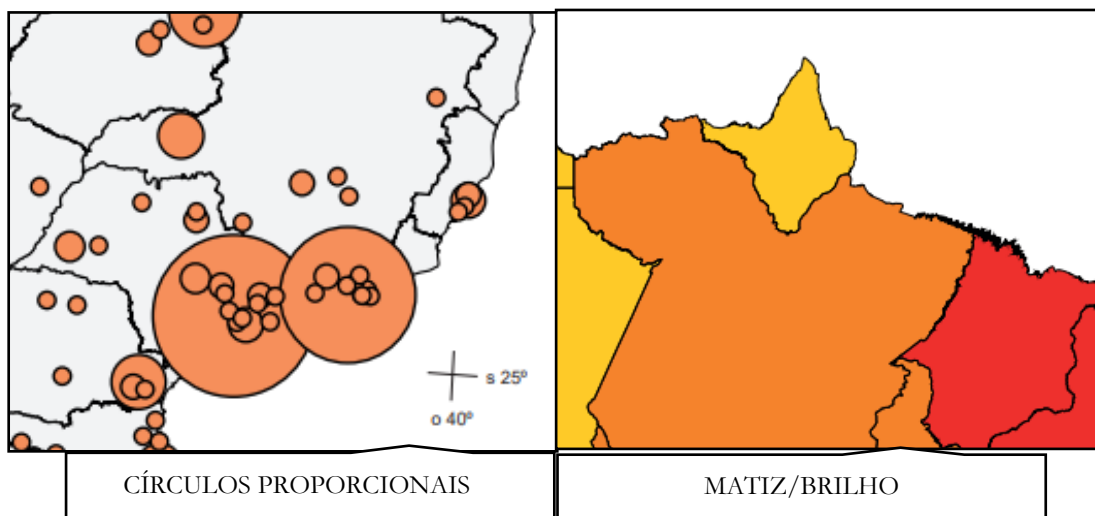
**Quadro 1** - Desconstrução das notícias de acordo com as variáveis selecionadas

Colunas	Desconstrução
COD.PDF	A coluna COD.PDF é utilizada para renomear as notícias de forma sistemática e organizada. Quando subimos as notícias para as pastas dos meses mantemos o seu título original, dado início ao processo de sistematização e desconstrução realizamos a renomeação da notícia. O código do PDF é composto por Ano+ Mês da morte + Dia + A, B, C, D, etc. indicando a ordem da leitura. Ex: 20200223A.pdf.
Código do município	Indica o código do município onde o crime ou o suicídio aconteceu
Município	Indica o nome do município onde o crime ou suicídio aconteceu
UF	Indica em qual Unidade da Federação (UF) onde o crime ou o suicídio aconteceu
Região	Indica a região onde o crime ou suicídio aconteceu.
Local	Indica o local onde o crime ou o suicídio aconteceu.
Data da notícia	Indica a data em que foi veiculada a informação do crime ou suicídio
Data da morte	Indica a data da morte da vítima
Período	Indica o período (Matutino, Vespertino, Noturno) em que o crime ou suicídio ocorreu.
Título da notícia	Indica o título original da notícia
Orientação Sexual	Indica a orientação sexual da vítima
Identidade de gênero	Indica a identidade de gênero da vítima
Cor	Indica a cor da vítima
Idade	Indica a idade da vítima
Profissão	Indica a profissão ou ocupação da vítima
Tipificação	Indica se o caso se trata de um homicídio, suicídio ou latrocínio
Quantidade de golpes	Indica a quantidade de golpes (tiros, facadas, pauladas) que a vítima recebeu
Nome da vítima	Indica o nome da vítima
Nome social	Indica o nome social da vítima
Vítima X Agressor	Indica a relação existente entre a vítima e o agressor
Causa Mortis	Indica a causa da morte
Circunstâncias	Indica em que circunstâncias o crime ou suicídio aconteceu
Fonte e autor	Indica a fonte e o autor do veículo/notícia
URL	Indica o endereço eletrônico da notícia
Redes Sociais	Indica as redes sociais da vítima

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

Por fim, realiza-se o mapeamento dos dados relacionados a mortes e suicídios (separadamente) de LGBTI+ no Brasil em 2020. Os mapas foram construídos levando em consideração três escalas e recortes: 1. Escala municipal 2. Escala estadual 3. Escala regional. Os dados foram trabalhados a partir de duas formas de representação: dados absolutos e dados relativos. Os dados absolutos foram representados em todas as escalas a partir dos círculos proporcionais e os dados relativos a partir da matiz e brilho.

**Figura 1** - Representação dos dados absolutos e relativos



Fonte: Wilians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. da Silva, 2021.

Considera-se necessária a espacialização dos crimes e suicídios a partir dos dados absolutos e relativos pela capacidade de interpretação e compreensão do nosso leitor. Assim, tem-se duas distintas representações que se complementam e nos aproximam da realidade do dado representado.

Os dados absolutos correspondem aqueles dados inteiros, como exemplo pode-se tomar a cidade de São Paulo que registrou 10 mortes violentas em 2020, 10 mortes é o dado absoluto e que foi representado através dos círculos proporcionais. Os dados relativos correspondem aqueles representados pela matiz/brilho e que foram transformados a partir da relação com um outro dado/informação, a fórmula para alcançar a taxa por 1 milhão de habitantes:  $\text{HOMICÍDIOS} / \text{POPULAÇÃO DO TERRITÓRIO} \times 1.000.000 = \text{Taxa por 1 milhão de habitantes}$ .

Recorremos a cartografia como objetivo, tendo em vista a potencialidade do mapa para análise espacial e como procedimento metodológico, utilizou-se o Philcarto© como um dos softwares de mapeamento, permitindo técnicas de exploração de dados a partir da visualização cartográfica. O Sistema de Informação Geográfica (SIG) – QGIS, igualmente foi utilizado como uma opção de mapeamento ao longo do desenvolvimento do relatório. Feito o mapeamento no Philcarto©, posteriormente realizou-se a diagramação final dos mapas no Adobe Illustrator©.

Cabe ainda algumas observações acerca das dificuldades de aplicação metodológica. Nota-se que as manchetes nem sempre trazem indicativos da orientação sexual da vítima, sendo necessário uma leitura atenta e contínua a detalhes do acontecimento, a forma como se processou a agressão e/ou a morte, por exemplo, quando há informação de mutilação sexual ou empalamento, se a vítima morava sozinha ou era



solteira, profissão mais associada ao segmento LGBTI+, se a mulher vivia na mesma casa que com outra mulher, ou os vizinhos informando que a vítima costumava receber rapazes em sua residência etc.

Um dado essencial para este tipo de pesquisa é a definição dos limites do conceito de homotransfobia, mesmo porque nem todos os casos de mortes violentas de LGBT+ entram nessa categoria, podendo prejudicar a credibilidade de nossa pesquisa e a possibilidade de elaboração de políticas públicas de enfrentamento. Um exemplo dessa dificuldade é a questão da exploração da prostituição de rua (cafetinagem), quando ocorrem casos cruéis de agressões, ou envolvimento com drogas, quer na condição de usuário (a) ou tráfico. Contudo, mesmo nesses casos, sobretudo as travestis de pista devem ser consideradas vítimas da transfobia estrutural que empurra milhares de jovens trans para as margens da sociedade, levando-as ao envolvimento com ilícitos frequentes nas áreas de prostituição. (OLIVEIRA, José; MOTT, Luiz, 2019, p. 26)

Esse ponto merece um debate mais apropriado e aprofundado, mesmo porque os últimos relatórios do Grupo Gay da Bahia (GGB) têm recebido algumas críticas da ala conservadora, negacionista e de membros do segmento LGBTI+, especialmente em relação ao conceito de homotransfobia, como rótulo inclusivo para todos os casos de mortes violentas de LGBTI+.

Tem-se adotado a mesma postura epistemológica e política do movimento feminista, negro, indígena etc., que incluem em suas listas todas as mulheres, negros e índios como vítimas do machismo estrutural e racismo estrutural. Considera-se, portanto, LGBTIfobia não somente as mortes violentas com indícios diretos de ódio, mas também os frequentes casos de LGBTIfobia estrutural, por isto não é tarefa fácil apontar uma causa única de tais mortes violentas, mesmo porque a condição de ser travesti em situação de rua/prostituição, de lésbicas serem perseguidas por seus ex-parceiros ou conflitos conjugais com outras mulheres, do gay morar sozinho e ser alvo de bullying de vizinhos e parentes, tais constrangimentos podem conduzir a adoção de práticas de risco, a exemplo de levar desconhecidos para casa e terminar em latrocínio.

Persistem, contudo, os questionamentos: a LGBTIfobia estaria inscrita no rol das causas e materialização dos atos criminosos? Como comprovar a relação direta entre o ódio/aversão ao LGBTI+ e o ato violento?

É pertinente esclarecer o fato de o Grupo Gay da Bahia (GGB) não receber nos últimos anos nenhum apoio financeiro para a realização deste estudo. Os dados aqui aportados foram colhidos pelo esforço beneditino de colaboradores, que doaram energia e tempo para a construção deste corpus documental, com o firme propósito de contribuir para a plena cidadania LGBTI+ no Brasil através da reflexão, crítica e elaboração de políticas públicas efetivas.

O acesso a recursos financeiros poderia abrir espaço para maior profissionalização da coleta dos dados, com possibilidade de verificação das informações junto ao Instituto Médico Legal, Polícia Técnica,

Varas da Justiça, Delegacias, familiares e amigos. A ausência dos recursos foi contornada com o trabalho voluntário, a exemplo das lideranças LGBTI+ de todos os Estados contatadas através da Aliança Nacional LGBTI+, mobilizada através do Dr. Toni Reis, do Grupo Dignidade de Curitiba e da Acontece Arte e Política LGBTI+ de Florianópolis.

O trabalho de coleta e sistematização dos dados impõe agora repensar também uma forma de publicização e debate contínuo, evitando ser este um expediente anual, ou mesmo vinculado apenas a um único pesquisador, e mesmo porque há uma série de informações que precisam ser mais bem trabalhadas, com vistas a assegurar um debate mais ampliado sobre os direitos LGBTI+ em nosso país.

## **2.1. FONTE DAS NOTÍCIAS SISTEMATIZADAS**

O processo de levantamento das notícias, bem como o processo de sistematização, avaliação e registro de cada caso, passa por uma intensa e ampla conferição e discussão, nesse sentido, as fontes são verificadas e representam algumas potencialidades e fragilidades da pesquisa desenvolvida, sobretudo, quando observados o fato das informações disponibilizadas em determinadas mídias que não possuem verificação de conteúdo como o Facebook, Instagram e WhatsApp.

Essas fontes recebem um conjunto volumoso de notícias e informações que podem ser (re)produzidas por diferentes sujeitos ou grupos a partir de múltiplas intencionalidades, por esse motivo a rede do Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil, realizou no ano de 2020 um detalhamento e um maior cuidado em relação a fonte das notícias sistematizadas.

A figura 2 “fonte das informações coletadas para a construção do relatório” evidencia a dimensão de cada fonte consultada e que faz parte da construção do referido relatório, ao todo foram utilizadas para compor a construção do relatório 95 fontes. Observa-se um intenso registro de fontes como o Diário do Nordeste, Gazeta, G1, Sobral, Folha de São Paulo, Correio, Facebook, Instagram, Diário Gay, MetrÓpole, Blog, entre outras fontes consultadas e confrontadas.

Figura 2 - Fonte das informações coletadas na construção do relatório



Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

### **3. A VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO LGBTI+ NO BRASIL**

Ao longo dos 41 anos de existência do Grupo Gay da Bahia (GGB) não faltaram esforços para pautar as constantes agressões sofridas por pessoas LGBTI+ no Brasil e, o mais grave, as mortes violentas têm absorvido muito dessa energia, a partir da pesquisa, sistematização e labuta para demonstrar o grau de vulnerabilidade a qual este segmento encontra-se exposto.

Os dados foram divulgados na imprensa nacional, com envio de *release*, ou através das lideranças locais responsáveis por repassar à imprensa nas Unidades da Federação (UF), além do Boletim do GGB, enquanto importante instrumento de contato direto com a militância LGBTI+.

Tais dados também foram publicados em formato de livro (MOTT e YONARA, 1999; MOTT e CERQUEIRA, 2001; MOTT, CERQUEIRA e ALMEIDA, 2002), como parte do esforço de publicização das referidas estatísticas e abertura de debate público governamental sobre o problema das mortes violentas de LGBTI+ no Brasil.

A Tabela 1 permite a visualização dos casos de mortes de LGBTI+ vítimas de mortes violentas no Brasil, entre o ano de 2000 a 2020, possibilitando acompanhar sua preocupante evolução e agravamento ao longo dessas últimas duas décadas. Triste estatística: 5.046 cidadãos e cidadãs brasileiros foram vítimas mortais da intolerância, ódio e descaso das autoridades que poderiam ter construído ao longo desse período políticas públicas de enfrentamento e contenção da escalada de tão grave drama dos nossos tempos. Atente-se para a oscilação anual do total de mortes: embora a curva revele tendência crescente, houve redução em alguns anos, notadamente em 2006 e 2013, precedendo, portanto, o mesmo padrão observado em 2019 e 2020.

Em 2019, o Governo Federal comemorou a redução em 19% no número de homicídios no país vis-à-vis 2018, observando-se a mesma tendência no segmento LGBTI+, quando morreram menos 91 pessoas em relação aos 420 casos de 2018, contra 329, em 2019, a queda de mortes chega a 21,67%, tendência confirmada igualmente pela ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais, que apontou uma queda de 24% de mortes de travestis e transexuais face ao ano anterior (MARTINELLI, 2020).

**Tabela 1** - Casos de mortes violentas de LGBT+ no Brasil de 2000 a 2020

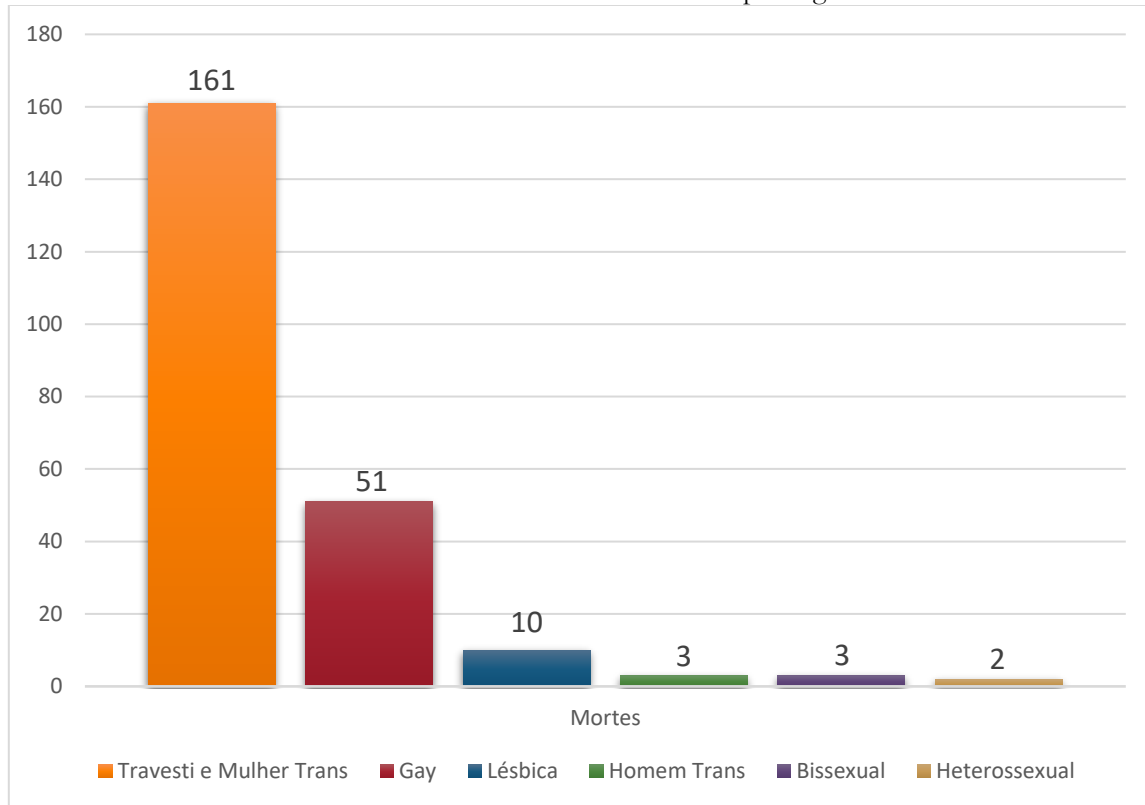
Ano	N. Vítimas
2000	130
2001	132
2002	126
2003	125
2004	158
2005	135
2006	112
2007	142
2008	187
2009	199
2010	260
2011	266
2012	338
2013	314
2014	329
2015	319
2016	343
2017	445
2018	420
2019	329
2020	237
<b>Total</b>	<b>5047</b>

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

A redução do número de mortes é considerada pela Acontece LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia (GGB) como um dado animador, mas sabe-se pouco sobre os condicionantes que levaram a esta inversão no curso de crescimento do número de vítimas, por isto, a postura é de redobrar os esforços para compreender a dinâmica desses crimes, com ações educativas de combate a homofobia estrutural e a busca de promoção de políticas públicas voltadas à cidadania LGBTI+.

O Supremo Tribunal Federal, em 2019, quando julgou a Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO 26) <sup>5</sup>, ao reconhecer o crime de homofobia como prática de racismo e passível de ser aplicada a Lei nº 7.716/89 pode também, indiretamente, se somado as variáveis de diminuição dos casos.

**Gráfico 2 - Mortes de LGBTI+ em 2020 por segmento**



Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

Em 2020 registrou-se um total de 237 mortes motivadas pela LGBTIfobia. Para além da identificação do número de mortes, é importante evidenciar os sujeitos mais atingidos por essa violência que cerceia determinados corpos, práticas e performances. Assim, agrupou-se no gráfico 1 os segmentos violados e que se fizeram presentes nos levantamentos (clipagens) e nas sistematizações, salientamos que posteriormente será realizado um melhor detalhamento em torno da orientação sexual e da identidade de gênero.

<sup>5</sup> Trata-se de Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão, proposta pelo PARTIDO POPULAR SOCIALISTA - PPS, para o fim de obter a criminalização específica de todas as formas de homofobia e transfobia, especialmente (mas não exclusivamente) das ofensas (individuais e coletivas), dos homicídios, das agressões e discriminações motivadas pela orientação sexual e/ou identidade de gênero, real ou suposta, da vítima, por ser isto (a criminalização específica) decorrência da ordem constitucional de legislar relativa ao racismo (art. 5º, XLII) ou, subsidiariamente, às discriminações atentatórias a direitos e liberdades fundamentais (art. 5º, XLI) ou, ainda subsidiariamente, ao princípio da proporcionalidade na acepção de proibição de proteção deficiente (art. 5º, LIV, da CF/88).

Como expresso no gráfico 2, as travestis e mulheres trans tiveram mais registros de mortes, acumulando um total de 161 (70%) mortes motivadas pela transfobia, seguido de gays com 51 (22%) mortes motivadas pela homofobia, seguido de lésbicas com 10 (5%) mortes motivadas pela lesbofobia, seguido de homens trans com 3 (1%) casos de mortes motivadas pela transfobia, bissexuais com 3 (1%) mortes motivadas pela bifobia e, por fim, 2 (1%) heterossexuais que por apresentarem comportamentos e performances que se distanciam da norma heterossexual foram mortos.

O modelo de enfrentamento da violência no Brasil enfrenta sérias críticas, pois a polícia que aparece como vítima, também é a que mais mata<sup>6</sup>, sem desconsiderar denúncias reiteradas do poder de traficantes e milicianos nas comunidades cariocas, domínio dos presídios por facções criminosas, enquanto os mais pobres, periféricos, negros, profissionais do sexo, indígenas, são alvo costumeiro das ações policiais e figuram como vítimas da carnificina reinante em nosso país apesar da redução dos homicídios em 2019.

É inegável o rastro de sangue LGBTI+ derramado em território nacional, a ponto de o país aparecer na liderança de tais crimes no Mundo<sup>7</sup>, sem que haja por parte do Estado brasileiro uma sinalização quanto às medidas mais urgentes para evitar essa tragédia neste grupo específico, apesar de existirem ações voltadas à população em geral.

Talvez, a leitura primária seja reconhecer a existência de crimes esparsos em todas as Unidades da Federação (UF), mas o cotidiano da pesquisa permite identificar tipos variados de violência, perpetrados em diferentes ambientes (doméstico, via pública, cárcere, trabalho, etc.), desde agressões verbais, negativa de fornecimento de serviço, tentativa de homicídio, agressões físicas, entre outros.

O cenário ainda marcado pela humilhação, negativas de direito, descaso do Estado em atender as especificidades deste segmento, quando houve falas do Governo Federal pelo não amparo das bandeiras de luta e impôs a exclusão de suas lideranças dos conselhos junto a órgãos da Administração Federal<sup>8</sup>, como um ato deliberado de negação das reivindicações por combate a intolerância.

---

<sup>6</sup> Em reportagem de Igor Mello (2020), para o UOL, diz que: “Polícia mata 1 a cada 5 horas e responde por 30% das mortes violentas no RJ”, enquanto cenário dos primeiros seis meses de governo Witzel (PSC-RJ), sem esquecer o fato da referida autoridade ter comemorado a morte de um sequestrador no Rio, em 20 de agosto de 2019 (BALEADO, 2020).

<sup>7</sup> Ver o texto de James Wareham (2020).

<sup>8</sup> Ver o decreto 9.759/2019, editado em 11 de abril de 2019, mas a referida ordem foi questionada no Supremo Tribunal Federal e, em 13 de junho de 2019 acolheu liminar para limitar seus efeitos, por considerar que alguns conselhos só poderão ser extintos por leis, assim, os LGBTI+ tiveram suas representações extirpadas junto com a extinção de alguns conselhos, p. ex., Conselho Nacional LGBT, criado em 2010, pelo Decreto 7.338, pelo Presidente Lula (CARVALHO, 2020; PONTES, 2020).

A postura do atual Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, talvez seja o elemento mais dramático da relação entre a população LGBTI+ e a sociedade<sup>9</sup>, pois sinaliza o desdém, o descaso e, em certa medida, desprezo em relação à estimativa que 10% da população brasileira é constituída por homossexuais e transexuais.

Ao negar o direito de se ter políticas públicas específicas para a população LGBTI+, declara-se uma “guerra” contra a “ideologia de gênero” e, diga-se de passagem, equivocada, antiquada e inconveniente, o Governo tropeçou em suas palavras, demonstrou inabilidade até mesmo para construir uma agenda positiva em prol dos pobres e desvalidos do sistema capitalista. Jair Bolsonaro, quando deputado, chegou a questionar a veracidade dos relatórios de assassinatos de LGBTI+ do GGB.<sup>10</sup>

O que se espera demonstrar com este relatório é o quanto a violência contra a população LGBTI+ é difusa e esconde diferentes nuances da LGBTIfobia estrutural, por isto, nem sempre os casos aqui registrados têm o ódio declarado como o elemento motivador da agressão, mas sim, as condições de vulnerabilidade da vítima devido a sua orientação sexual ou identidade de gênero que proporcionaram as condições para a agressão e a negativa de direitos, especialmente dos Direitos Fundamentais.

---

<sup>9</sup> Em 25 de abril de 2019, comentando o fato do Prefeito de Nova York agradecer a um hotel da cidade por ter recusado sediar um evento que iria homenagear Bolsonaro, o mesmo, em café da manhã com jornalistas soltou uma das inúmeras frases homofóbicas pronunciadas por ele, ao afirmar que: “O Brasil não pode ser o país do turismo gay, temos famílias” (MARTINELLI, 2020).

<sup>10</sup> “GGB E Luiz Mott contra Bolsonaro e vice-versa 2006-2020”,

<https://grupogaydabahia.com.br/2020/02/20/ggb-e-luiz-mott-contra-bolsonaro-e-vice-versa-2006-2020/>



## 4. PERFIL DAS VÍTIMAS E OUTRAS INFORMAÇÕES

O perfil da vítima se constitui uma categoria de análise essencial para o estudo do fenômeno das mortes violentas de LGBTI+, especialmente quando se compreende ser este um segmento formado por pessoas com dinâmicas e práticas espaciais diversas no contexto de inserção social, assim, por exemplo, as travestis e transexuais tem sido alvo costumeiro de ataques em espaços públicos e, sua inserção social pelo trabalho ainda é marcada por obstáculos de diferentes naturezas, desde a desqualificação, a simples negativa de oferta de oportunidades pelo fato ser trans ou travesti.

A violência física e psicológica contra LGBTI+ no Brasil atinge todas as cores, idades, classes sociais e profissões, e apesar de muitas reportagens sobre assassinatos omitirem informações básicas sobre tal segmento, construiu-se um esforço coletivo e metodológico para a constituição de um quadro onde o perfil das vítimas seja melhor compreendido, assim, é possível identificar os segmentos e grupos mais atingidos pela violência, a intensidade e as processualidades que envolvem os crimes, entre outras questões.

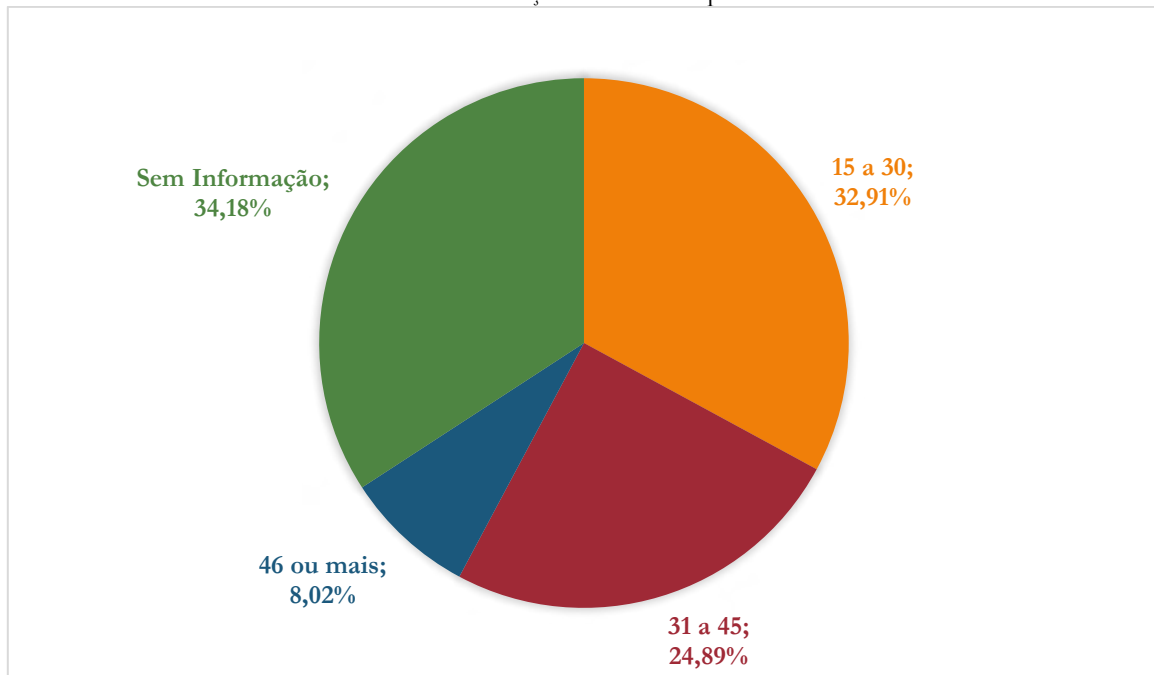
### 4.1. FAIXA ETÁRIA DAS VÍTIMAS

Compreende-se faixa etária como uma divisão ou recorte intencional objetivando agrupar e compreender um conjunto de sujeitos distribuídos a partir de uma determinada faixa de idade e geração, isto é, a distribuição por idade.

Tabela 2 - Distribuição das mortes por faixa etária e segmento

<b>Faixa Etária</b>	<b>Lésbica</b>	<b>Gay</b>	<b>Bissexual</b>	<b>Trans; E Travesti</b>	<b>Homem Trans;</b>	<b>Heteros; sexual</b>	<b>Não Informa do</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Relativo (%)</b>
15 a 30	3	10	2	59	2	1	1	78	32,91%
31 a 45	3	22	1	30	-	1	2	59	24,89%
46 ou mais	-	12	-	6	-	-	1	19	8,02%
Sem Informação	4	7	-	66	-	-	4	81	34,18%
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>51</b>	<b>3</b>	<b>161</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>8</b>	<b>237</b>	<b>100%</b>

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

**Gráfico 3** - Distribuição das mortes por faixa etária

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

A partir da tabela 2 “distribuição de mortes em função da faixa etária” é possível observar que a distribuição etária das mortes de LGBTI+ registradas em 2020 se dá, sobretudo, entre a população LGBTI+ mais jovem de 15 a 30 anos de idade acumulando um total de 78 (32,91%) mortes, seguido de uma faixa etária que engloba pessoas adultas e pessoas que estão na meia idade de 31 a 45 anos, acumulando um total de 59 (24,89%) mortes de LGBTI+ e, por fim, a faixa etária de pessoas entre 46 anos ou mais acumularam um total de 19 (8,02%) mortes de LGBTI+ em 2020.

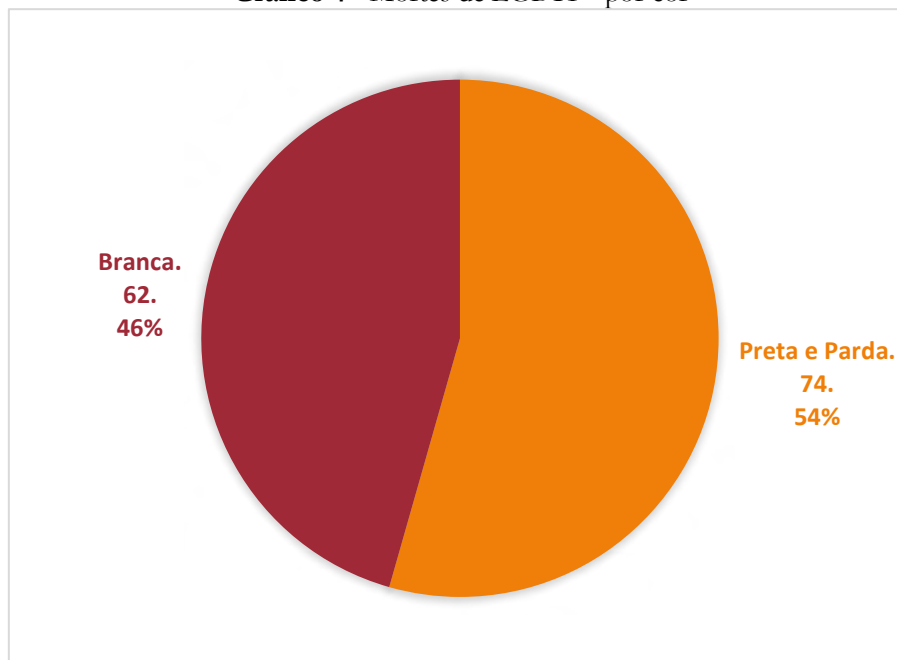
Durante o processo de leitura, avaliação e sistematização das notícias veiculadas e que retratam mortes LGBTIfóbicas, teve-se significativas dificuldades em identificar a idade de muitas vítimas, assim sendo, houve um acúmulo de 81 (34,18%) mortes de pessoas LGBTI+ em que sua idade e faixa etária não foram localizadas.

#### 4.2. COR DAS VÍTIMAS

A categoria cor nem sempre é fácil de se trabalhar, sobretudo, na sociedade brasileira e, aqui cabe uma explicação: na falta de informação jornalística sobre raça, cor, etnia, procura-se identificar tal particularidade a partir das imagens das vítimas publicadas nas notícias que foram veiculadas sobre as

referidas mortes, reconhecendo, contudo, a falta de um rigor classificatório da autodefinição ou do seu registro civil.

**Gráfico 4 - Mortes de LGBTI+ por cor**



Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

Em relação a cor das vítimas, é possível observar a partir do gráfico 3 “mortes de LGBTI+ a partir da cor” um equilíbrio entre dada distribuição. Os dados revelam que em 2020 morreram 74 (54%) pessoas LGBTI+ pretas ou pardas, seguido de 62 (46%) pessoas LGBTI+ brancas. Observa-se uma mudança na distribuição das mortes de LGBTI+ a partir da cor em relação ao relatório de 2019, já que do ano anterior (2019), os dados apontaram para 36,78% de brancos, seguido de 27,35% de pardos e, por fim, 9,73% de pretos.

**Tabela 3 - Distribuição das mortes por cor e segmento**

Cor	Lésbica	Gay	Bissexual	Trans e Travesti	Homem Trans	Heterossexual	Não Informado	Número Absoluto	Número Relativo (%)
Preta e Parda	1	16	-	53	1	-	3	74	29,96%
Branca	2	22	2	35	2	1	-	64	27,00%
Sem Informação	7	13	1	73	-	1	4	99	43,04%
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>51</b>	<b>3</b>	<b>161</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>237</b>	<b>100%</b>

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

### 4.3. OCUPAÇÃO/PROFISSÃO DAS VÍTIMAS

Apesar de se observar a presença de LGBTI+ vítimas de morte violenta exercendo 33 profissões, não deixa de ser preocupante que a atividade mais praticada pelos segmentos registrados tenha sido a prostituição (44,66%), refletindo o grau de exclusão e violação de direitos básicos como saúde, educação e cultura para uma ampla parcela da comunidade LGBTI+ brasileira, sobretudo, das travestis e pessoas transgêneros.

Tabela 4 - Ocupação/profissão das vítimas

<b>PROFISSÃO/OCUPAÇÃO</b>	<b>NÚMERO ABSOLUTO</b>	<b>NÚMERO RELATIVO (%)</b>
Profissional do Sexo	46	44,66%
Cabeleireiro/a	11	10,67%
Professor/a	9	8,73%
Autônomo/a	3	2,91%
Empresário/a	2	2%
Estudante	2	2%
Mãe de Santo	2	2%
Maquiador/a	2	2%
Pizzaiolo/a	2	2%
Representante Comercial	2	2%
Advogado/a	1	1%
Agente de Trânsito	1	1%
Agente Socioeducativo	1	1%
Aposentado/a	1	1%
Arquiteto/a	1	1%
Atriz	1	1%
Dançarino/a	1	1%
Designer	1	1%
Digital Influencer	1	1%
Empregada Doméstica	1	1%
Fisioterapeuta	1	1%
Guarda Municipal	1	1%
Médico/a	1	1%
Modelo	1	1%
Auxiliar de Serviços Gerais	1	1%
Bancário/a	1	1%
Oficial de Justiça	1	1%
Pai de Santo	1	1%
Pedreiro	1	1%

Terapeuta Holística	1	1%
Vigilante	1	1%
Voluntário/a	1	1%
<b>TOTAL</b>	<b>103</b>	<b>100%</b>

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

A partir da tabela 04 “ocupação e profissão das vítimas” é possível observar uma ampla distribuição a partir do recorte ocupacional das vítimas registradas no banco de dados. LGBTI+ vítimas de morte violenta foram identificados como exercendo as seguintes atividades profissionais, inclusive desempregados: profissional do sexo, cabeleireiro/a, professor/a, autônomo/a, empresário/a, estudante, mãe de santo, maquiador/a, pizzaiolo/a, representante comercial, advogado/a, agente de trânsito, agente socioeducativo, aposentado/a, arquiteto/a, atriz, dançarino/a, designer, digital influencer, empregada doméstica, fisioterapeuta, guarda municipal, médico/a, modelo, auxiliar de serviços gerais, bancário/a, oficial de justiça, pai de santo, pedreiro, terapeuta holística, vigilante, voluntário/a.

As ocupações e profissões que mais aparecem no banco de dados são: profissional do sexo com 46 (44,66%) registros, seguido de cabeleireiros/as com 11 (10,67%) registros, professor/a com 9 (8,73%) registros, autônomo com 3 (2,91%) registros, entre outras ocupações e profissões identificadas.

#### 4.4. CAUSA MORTIS

Identificar a *causa mortis* constitui tarefa essencial para o estudo das mortes violentas de LGBTI+ no Brasil. Primeiro, por oferecer indícios sobre a dinâmica de tais episódios fatídicos e assim propor medidas de prevenção e combate à violência. Segundo, por ajudar os membros deste segmento a se prevenir de possíveis agressores, ao tomar cuidados quanto a possíveis objetos e armas disponíveis em casa ou em via pública. Há décadas o Grupo Gay da Bahia (GGB) distribui milhares de folhetos nas áreas de socialização LGBTI+, disponibilizando online o folheto “Gay vivo não dorme com o inimigo!”, onde elenca dez sugestões de como evitar situações de risco<sup>11</sup>.

Em 2020, de 237 mortes violentas documentadas em nossa pesquisa, predominaram os homicídios com 215 (90,71%) registros, seguido de 13 (5,48%) suicídios e, por fim, latrocínio com 9 (3,79%) registros segundo o observatório de mortes LGBTI+ (2020).

<sup>11</sup> Manual de Sobrevivência, produzido pelo Grupo Gay da Bahia (2013). Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2013/08/manual-de-sobrevivencia-homossexual.pdf>. Acesso em 10/03/2021.

Tabela 5 - Causa Mortis de LGBTI+ em 2020

<b>CAUSA MORTIS</b>	<b>NÚMERO ABSOLUTO</b>	<b>NÚMERO RELATIVO (%)</b>
Arma de Fogo	88	42,30%
Esfaqueamento	48	23,07%
Espancamento	19	9,13%
Estrangulamento	13	6,25%
Depressão	8	2,84%
Pauladas	8	2,84%
Asfixia	7	3,36%
Apedrejamento	5	2,40%
Atropelamento	3	1,44%
Tortura	3	1,44%
Carbonizada	2	1%
Esquartejamento	2	1%
Descarga Elétrica	1	0,5%
Empurrada de Barranco	1	0,5%
<b>TOTAL</b>	<b>208</b>	<b>100%</b>

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

As causas das mortes registradas contra LGBTI+ no Brasil em 2020 segundo o Observatório de Mortes LGBTI+ são das mais variadas possíveis, tal variação decorre das inúmeras possibilidades de violência e aplicação de atos violentos contra esses sujeitos que estão inseridos em diferentes contextos socioespaciais e geográficos, as mortes vão desde descarga elétrica, tortura, esquartejamento, até pauladas, tiros, esfaqueamento, etc. As tipificações mais registradas foram: arma de fogo com 88 registros (42,30%), seguido de esfaqueamento com 48 (23,07%) mortes, espancamento com 19 (9,13%) mortes, entre outras tipologias que podem ser observadas na tabela 11. Vale ressaltar que em 29 dos casos não se obteve a causa da morte e/ou sua tipificação.

#### 4.5. LOCAL DA MORTE

O local da morte é compreendido como uma das informações mais relevantes do relatório, dada informação evidencia as diferentes questões que percorrem e atravessam o corpo, raça, gênero, sexualidade e inúmeras questões físicas (limitações físicas, saúde mental, etc.). Evidenciar o perfil e o local das mortes, é também estabelecer uma relação com os elementos do espaço geográfico, com os territórios da morte e com as dinâmicas espaciais que se dão em diferentes escalas e contextos.

Tabela 6 - Local da morte

<b>LOCAL DA MORTE</b>	<b>NÚMERO ABSOLUTO</b>	<b>NÚMERO RELATIVO (%)</b>
Espaço Público	132	60,82%
Residência da Vítima	51	23,50%
Espaço Privado	34	15,66%
<b>TOTAL</b>	<b>217</b>	<b>100%</b>

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

A tabela 6 “local da morte” evidencia que 132 (60,82%) das mortes de LGBTI+ em 2020 aconteceram em espaços públicos como praças, ruas, vias, vielas, terrenos abandonados, entre outros espaços, seguido da residência da vítima com 51 (23,50%) e, por fim, o espaço privado como motéis, casas e comércios de terceiros, com 34 (15,66%) dos casos. Vale ressaltar que em 20 das mortes registradas no banco de dados não foram identificados os espaços/locais onde ocorreram as mortes.

#### 4.6. PERÍODO DO ASSASSINATO

O período do assassinato (matutino, vespertino, noturno) revela também as práticas espaciais e o comportamento de determinados sujeitos e corpos no espaço, evidenciando práticas profissionais, culturais e de lazer das pessoas LGBTI+ que foram assassinadas em diferentes contextos geográficos e sociais.

Tabela 7 - Período da morte

<b>PERÍODO</b>	<b>NÚMERO ABSOLUTO</b>	<b>NÚMERO RELATIVO (%)</b>
Noturno	114	72,61%
Matutino	27	17,19%
Vespertino	16	10,19%
<b>TOTAL</b>	<b>157</b>	<b>100%</b>

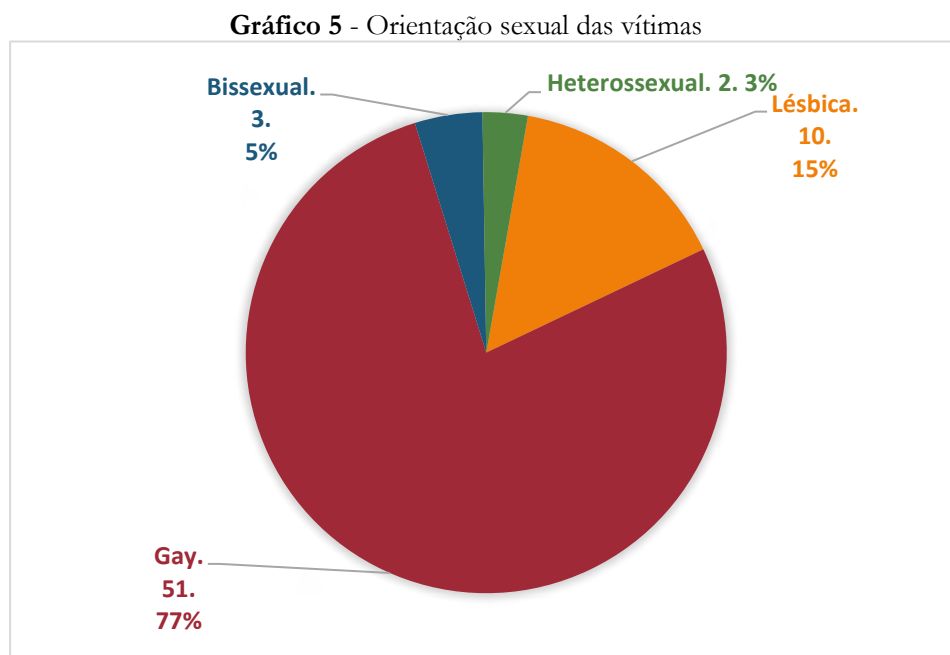
Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

A partir da tabela 7 “período da morte” é possível observar os períodos em que os assassinatos ocorreram, observa-se uma maior concentração no período noturno com 114 (72,61%) mortes de LGBTI+, esse dado mostra, principalmente, que as práticas espaciais dos sujeitos que vivenciam a cidade ocorrem durante a noite, seja na prática do lazer, seja no trabalho e outras práticas que evidenciam as vulnerabilidades de alguns segmentos LGBTI+, como a prostituição. O segundo período que mais acumulou mortes foi o matutino com 27 (17,19%) mortes e, por fim, o período vespertino com 16 (10,19%) casos. Vale ressaltar que em 80 das mortes registradas no banco de dados não foi possível identificar o período do assassinato.

#### 4.7. ORIENTAÇÃO SEXUAL DAS VÍTIMAS

A orientação das vítimas revela em muitos dos casos registrados e sistematizados o “motivo” das violências e das agressões, isto é, o fato dos agressores/assassinos expressarem o seu ódio através da violência brutal que fere e viola os corpos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

Compreende-se por orientação sexual um conjunto de práticas, sentimentos e afetividades que direcionam a atração afetiva, sexual e emocional para determinados gêneros, isto é, por quais gêneros determinada pessoa se sente atraído e, conseqüentemente se relaciona afetiva, sexual e emocionalmente, nesse sentido, durante a pesquisa e a sistematização tivemos acesso a casos que envolveram a homossexualidade, bissexualidade e heterossexualidade.



Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

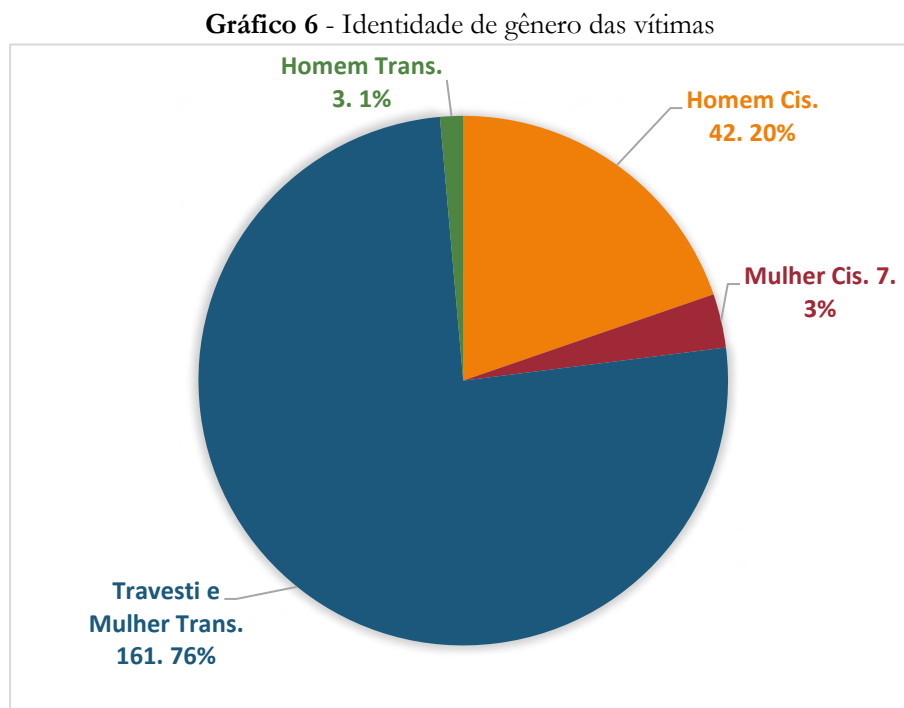


A partir do gráfico 5 “orientação sexual das vítimas” é possível observar a distribuição dos casos a partir de suas respectivas orientações sexuais, vale ressaltar que gays e lésbicas fazem parte da categoria homossexualidade, entretanto, faz-se necessário individualizá-los em dois segmentos para evidenciar quais os grupos são mais afetados pela violência.

Observa-se que os gays foram a orientação sexual com o maior número de mortes, acumulando um total de 51 (77%) mortes, seguido de lésbicas com 10 (15%) mortes, bissexuais com 3 (5%) mortes registradas e, por fim, 2 (3%) heterossexuais que foram violentados por performarem ou executarem práticas que se distanciam da norma heterossexual (heteronormatividade). Em 171 casos das mortes registradas não foi possível identificar a orientação sexual das vítimas, sendo que 162 desses casos são travestis, mulheres trans e homens trans, que fica menos explícito a orientação sexual nas mídias.

#### 4.8. IDENTIDADE DE GÊNERO DAS VÍTIMAS

A violência materializada contra corpos de LGBTI+ é, principalmente, uma violência de gênero, atingindo diferenciadamente e a partir de múltiplas intensidades alguns segmentos, sobretudo, travestis e mulheres trans vitimadas em diferentes contextos e realidades socioespaciais. Das 113 travestis assassinadas, 72 (63%) delas foram executadas em espaços públicos, sobretudo, em ruas e vias evidenciando um contexto marcado pela prostituição.



Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

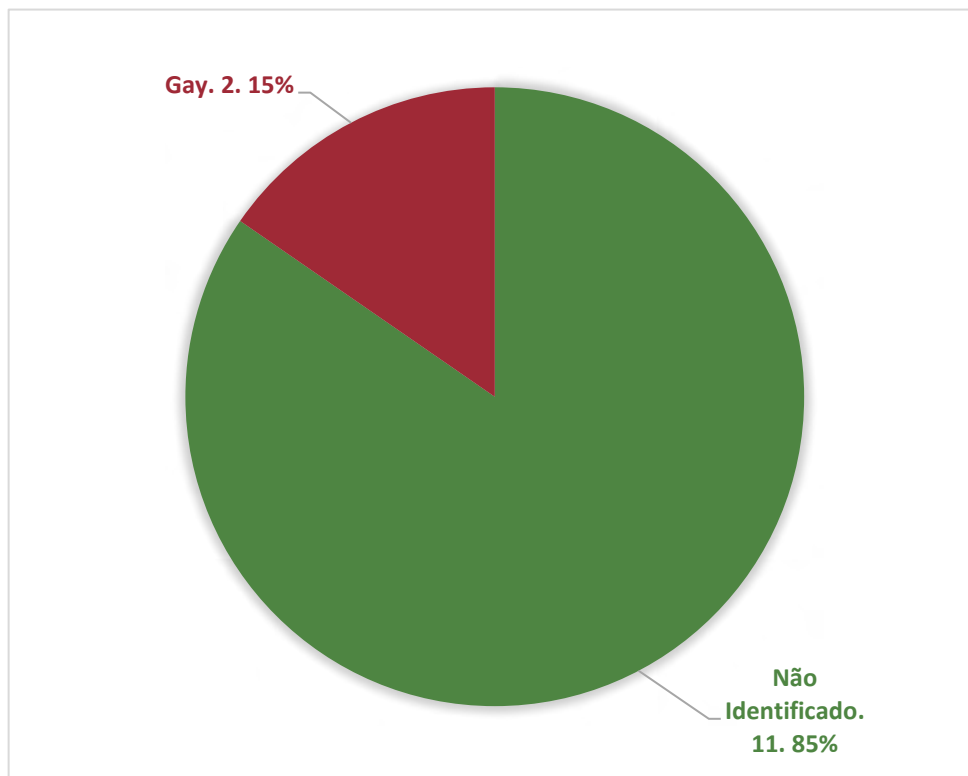
A partir do gráfico 6 “identidade de gênero das vítimas” é possível observar a identidade de gêneros das pessoas que foram assassinadas em 2020. É importante ressaltar que apesar de o gráfico representar também homens e mulheres cisgênero, especificamente essas pessoas não foram mortas por conta da sua identidade de gênero, mas sim, pela orientação sexual, por esse motivo reforça-se a importância de compreender os elementos de maneira interseccional.

Observa-se que as travestis e mulheres trans foram as mais violadas acumulando um total de 161(76%) mortes, seguido de homens gays cis com 42 (20%) mortes, mulheres lésbicas cis com 7 (3%) mortes e, por fim, 3 (1%) homens trans. Em 24 das mortes registradas não foi possível identificar a identidade de gênero das vítimas.

## 5. PERFIL DAS VÍTIMAS QUE SE SUICIDARAM

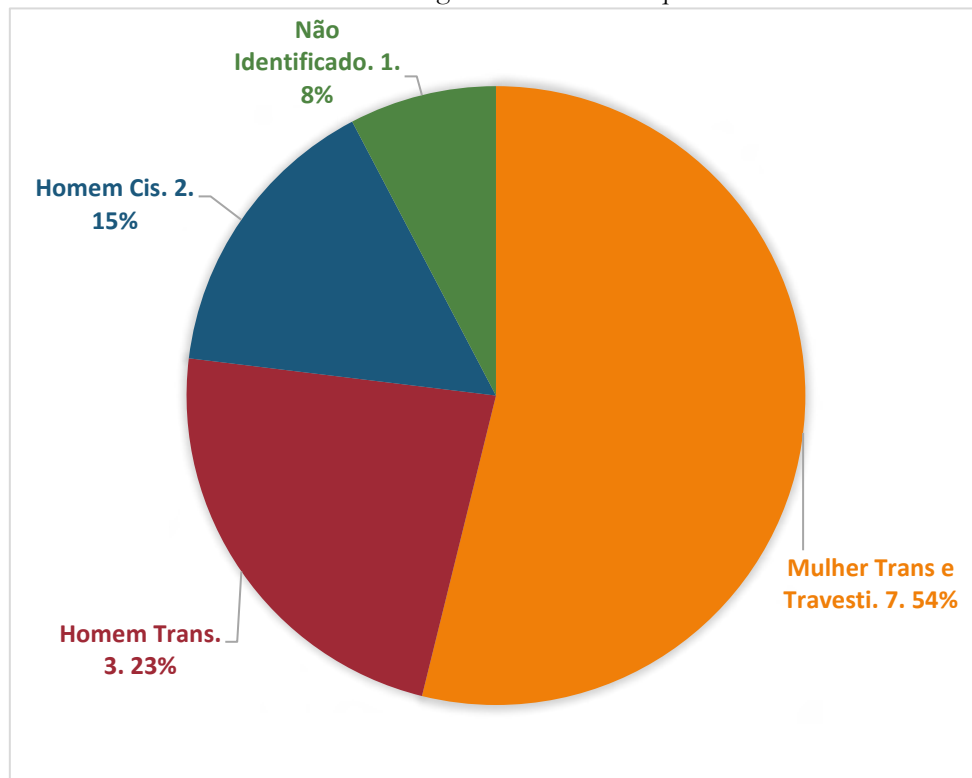
Os dados sobre suicídios de LGBTI+ sofrem de grande lacuna nos noticiários jornalísticos, sendo localizados através de informação veiculada nas redes sociais de amigos da vítima ou parentes próximos e com raras exceções revelam a orientação sexual e identidade de gênero da vítima, de modo que as informações aqui prestadas servem como um alerta para demonstrar a existência do problema, enquanto se espera também a ampliação do debate sobre as vulnerabilidades de pessoas desse segmento quanto a saúde mental.

**Gráfico 7** - Orientação sexual das vítimas que se suicidaram



Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

O gráfico 7 “orientação sexual das vítimas que se suicidaram” evidencia a lacuna existente nas mídias sociais em torno dos dados de suicídio de LGBTI+ no Brasil em 2020. Observa-se que dos 13 casos localizados de suicídios, 11 (85%) não foi possível identificar a orientação sexual das vítimas, dos 13 casos 2 (15%) eram gays, já em relação a identidade de gênero, é possível observar o suicídio de 7 travestis/mulheres trans, 3 homens trans, 2 homens cis e 1 caso não identificado.

**Gráfico 8** - Identidade de gênero das vítimas que se suicidaram

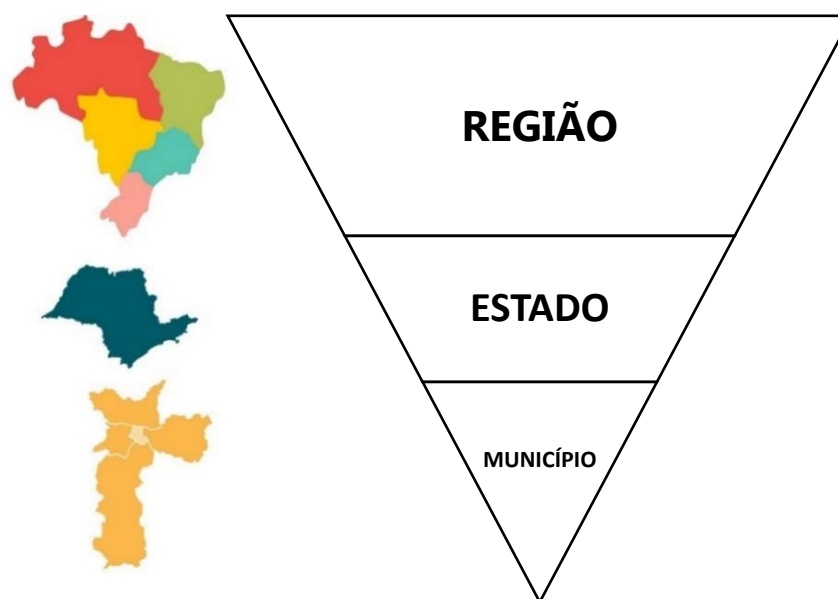
Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

A partir do gráfico 8 “identidade de gênero das vítimas que se suicidaram” é possível observar a distribuição das vítimas a partir da identidade de gênero. Observa-se que dos 13 casos de suicídios registrados, 7 (54%) foram de travestis e mulheres trans, 3 (23%) homens trans, seguido de 2 (15%) homem cis e, por fim, 1 (8%) caso em que a identidade de gênero da vítima não foi identificada.

## 6. ESCALAS DAS MORTES DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2020

A etapa metodológica que envolve o mapeamento do conjunto de informações e dados agrupados dentro do banco de dados da violência contra LGBTI+ no Brasil em 2020 criado a partir de um esforço coletivo, integrado e organizado no formato de redes, possibilitou a interpretação mais aguçada da realidade que pessoas LGBTI+ enfrentam cotidianamente.

O mapeamento faz parte de um processo de construção longo e desafiador. É importante lembrar que mapear ou tornar algo identificável espacialmente, não se configura como um procedimento simples, já que em diferentes momentos nos chocamos com dados incompletos, com a subnotificação e a generalização que acaba por prejudicar a representação, entretanto, sabe-se que toda representação provoca generalização.

**Infográfico 2** - Escalas de representação dos dados

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

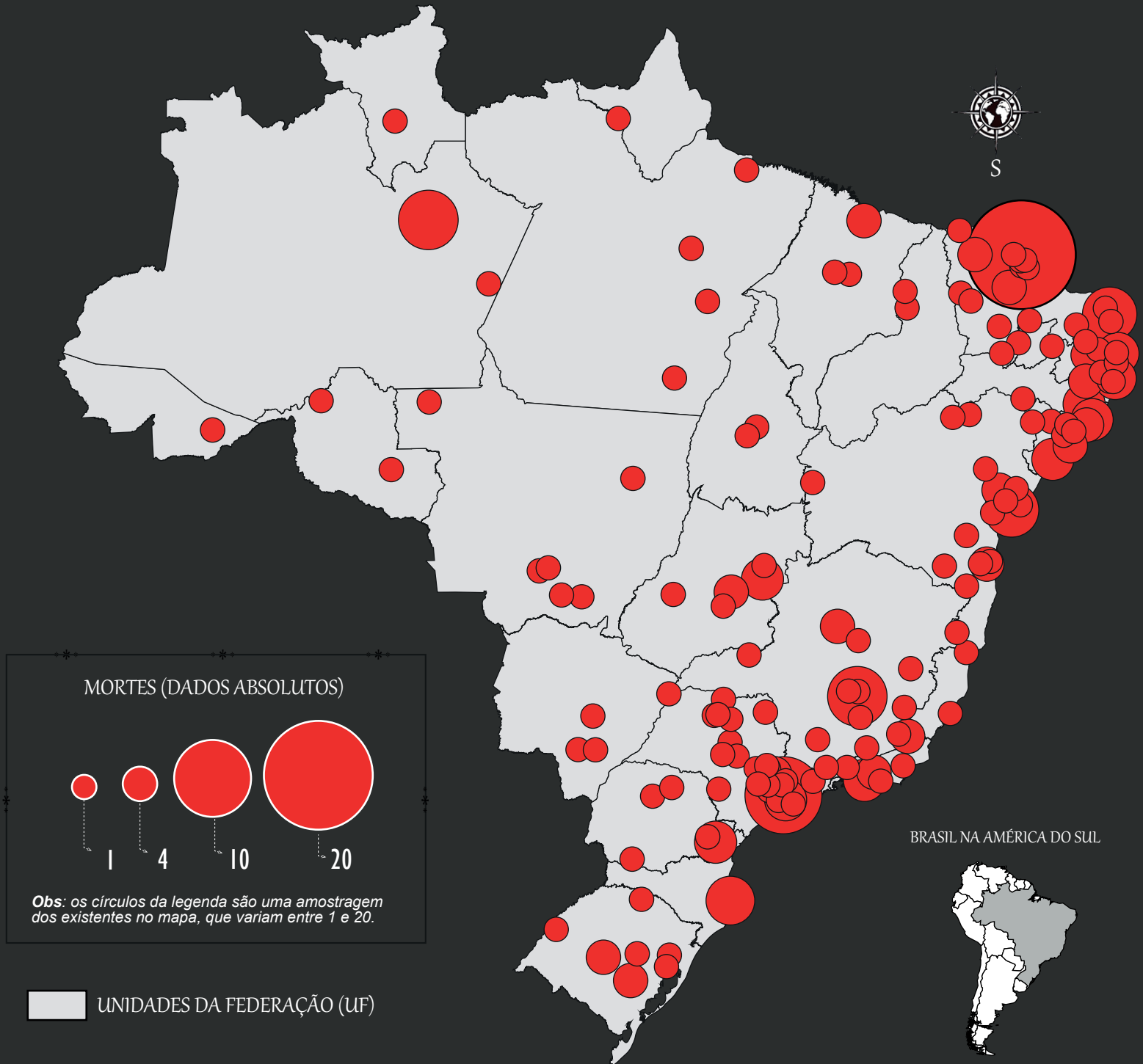
A apresentação cartográfica das mortes de LGBTI+ no Brasil em 2020 será feita a partir de uma representação marcada pela decomposição das escalas geográficas pensadas estrategicamente e intencionalmente para evidenciar as heterogeneidades e homogeneidades existentes em diferentes territórios.

Optou-se por adotar três escalas de representação: 1) região 2) estado 3) município. Dada a representação, tornará a materialização dos dados agrupados no banco de dados metodologicamente construídos mais didáticos e visíveis, possibilitando, assim, uma comparação real entre as regiões, entre os estados e até mesmo sistematizações e avaliações a partir de um recorte municipal.

**ESPACIALIZAÇÃO DOS ASSASSINATOS DE LGBTI+ NO BRASIL  
EM 2020 (MUNICÍPIOS)**

# ESPACIALIZAÇÃO DAS MORTES DE LGBTI+ NO BRASIL - 2020

## MUNICÍPIOS



Elaboração: Wilians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. da Silva, 2021.

Software de Cartomática: PHILCARTO

Base Cartográfica: IBGE - 2010.

FONTE: ACONTECE LGBTI+; GRUPO GAY DA BAHIA, 2021.

0 200 400 600 km



A representação através do ranking dos 20 municípios que mais acumularam número de mortes violentas contra LGBTI+ foi realizada para facilitar a leitura e a visualização cartográfica, salientamos que registramos mortes em um total de 152 municípios brasileiros territorializados nas cinco grandes regiões (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul).

**Tabela 8** - Ranking dos 20 municípios mais violentos

<b>Nº</b>	<b>Municípios</b>	<b>Estado</b>	<b>Região</b>	<b>Mortes</b>
1º	Fortaleza	Ceará	Nordeste	20
2º	São Paulo	São Paulo	Sudeste	10
3º	Belo Horizonte	Minas Gerais	Sudeste	6
4º	Manaus	Amazonas	Norte	6
5º	Natal	Rio Grande do Norte	Nordeste	5
6º	Salvador	Bahia	Nordeste	5
7º	Florianópolis	Santa Catarina	Sul	4
8º	Aracaju	Sergipe	Nordeste	3
9º	Brasília	Distrito Federal	Centro-Oeste	3
10º	Curitiba	Paraná	Sul	3
11º	João Pessoa	Paraíba	Nordeste	3
12º	Maceió	Alagoas	Nordeste	3
13º	Recife	Pernambuco	Nordeste	3
14º	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Sudeste	3
15º	Rio Largo	Alagoas	Nordeste	3
16º	São Bernardo do Campo	São Paulo	Sudeste	3
17º	São José da Laje	Alagoas	Nordeste	3
18º	Anápolis	Goiás	Centro-Oeste	2
19º	Brejo Grande	Sergipe	Nordeste	2
20º	Campina Grande	Paraíba	Nordeste	2

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

Como é possível observar no mapa 1 “especialização<sup>12</sup> das mortes de LGBTI+ no Brasil em 2020 por município”, e na tabela 8 “ranking dos 20 municípios mais violentos segundo o banco de dados”, ocorreu uma maior concentração das mortes de LGBTI+ nos municípios da região nordeste e sudeste. Os municípios que mais se destacam em relação ao número absoluto de mortes são: Fortaleza (CE) com 20 mortes, São Paulo (SP) com 10 mortes, Belo Horizonte (MG) e Manaus (AM) com 6 mortes registradas, Natal (RN) e Salvador (BA) com 5 mortes, Florianópolis (SC) com 4 registros, seguido de Aracaju (SE), Brasília (DF), Curitiba (PR), João Pessoa (PB), Maceió (AL), Recife (PE), Rio de Janeiro

<sup>12</sup> O termo especialização foi utilizado durante o trabalho para evidenciar as relações espaciais contidas a partir dos dados visuais expressos nos diferentes mapas produzidos, em outras palavras, trata-se de espacializar (tornar algo espacial) os dados das mortes de LGBTI+ que foram coletados e sistematizados em 2020.

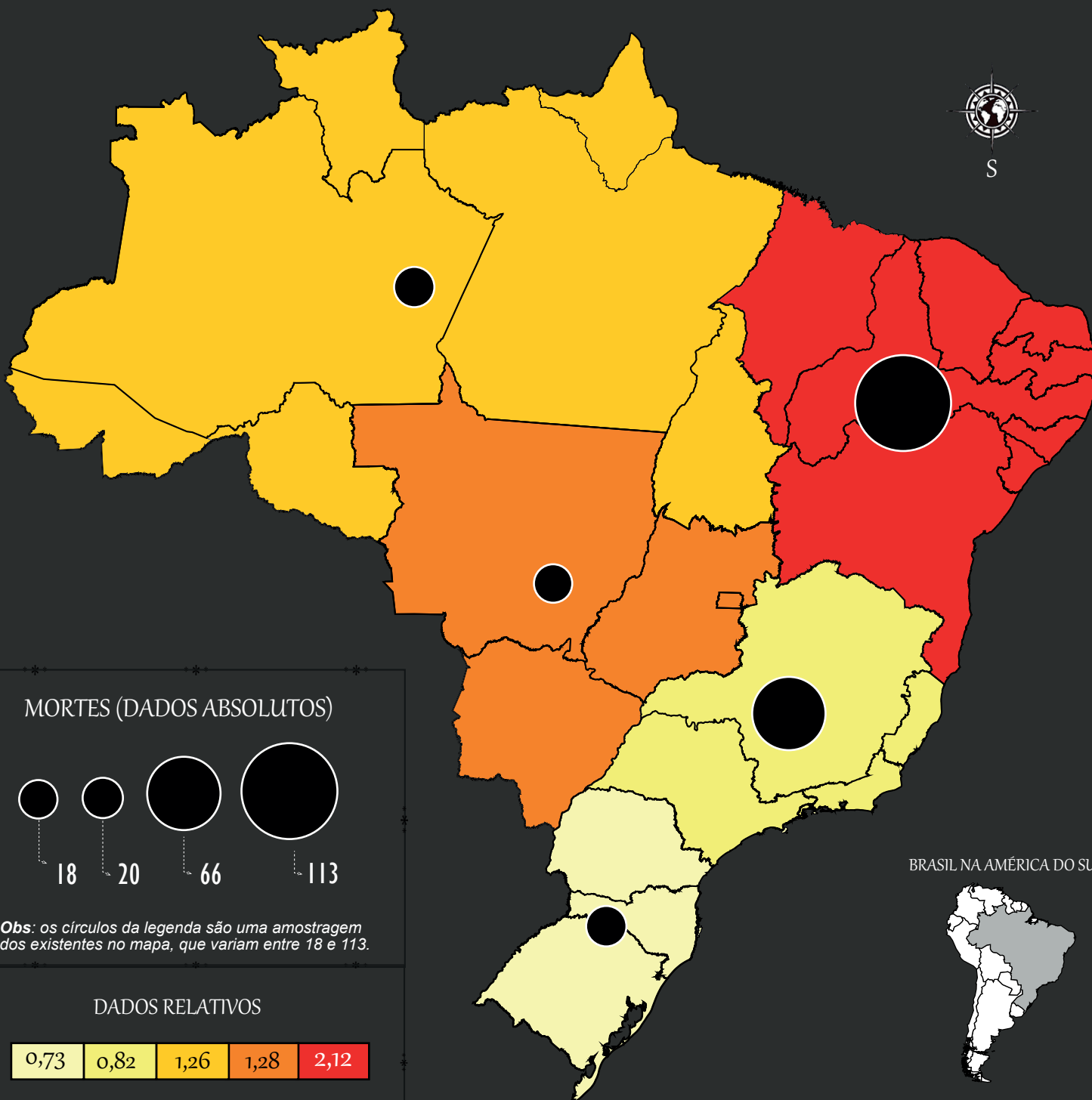


(RJ), Rio Largo (AL), São Bernardo do Campo (SP) e São José da Laje (AL) todos com 3 mortes de LGBTI+ registradas, entre outros municípios.

# **ESPACIALIZAÇÃO DOS ASSASSINATOS DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2020 (REGIÕES)**

# ESPACIALIZAÇÃO DAS MORTES DE LGBTI+ NO BRASIL - 2020

## GRANDES REGIÕES



Elaboração: Wilians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. da Silva, 2021.

Software de Cartomática: PHILCARTO

Base Cartográfica: IBGE - 2010.

FONTE: ACONTECE LGBTI+; GRUPO GAY DA BAHIA, 2021.

0 200 400 600 km

**Tabela 9** - Mortes de LGBTI+ distribuídas a partir das cinco grandes regiões

<b>Região/UF</b>	<b>Mortes</b>	<b>P/ 1 Milhão de Habitantes</b>
<b>NORTE</b>	<b>20</b>	<b>1,26</b>
Roraima	2	4,43
Tocantins	3	2,16
Amazonas	7	2,01
Amapá	1	1,49
Acre	1	1,36
Rondônia	2	1,28
Pará	4	0,52
<b>NORDESTE</b>	<b>113</b>	<b>2,12</b>
Alagoas	15	4,8
Ceará	34	4,02
Paraíba	11	2,92
Sergipe	6	2,9
Rio Grande do Norte	9	2,84
Bahia	24	1,71
Pernambuco	9	1,02
Maranhão	4	0,6
Piauí	1	0,32
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>18</b>	<b>1,28</b>
Mato Grosso	6	1,97
Mato Grosso do Sul	4	1,63
Distrito Federal	3	1,17
Goiás	5	0,83
<b>SUDESTE</b>	<b>66</b>	<b>0,82</b>
Minas Gerais	19	0,96
São Paulo	36	0,87
Rio de Janeiro	10	0,62
Espírito Santo	1	0,28
<b>SUL</b>	<b>20</b>	<b>0,73</b>
Santa Catarina	5	0,8
Rio Grande do Sul	8	0,74
Paraná	7	0,67
<b>TOTAL</b>	<b>237</b>	

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

A partir do mapa 2 e da tabela 9 é possível identificar a distribuição regional das mortes de LGBTI+ no Brasil. Focalizando sobre os dados absolutos das mortes é possível observar uma maior concentração de casos na região Nordeste com 113 mortes, seguido da Sudeste com 66 mortes, Norte e Sul com 20 mortes e, por fim, Centro-Oeste com 18 mortes. Entretanto, ao se analisar os dados relativos, isto é, mortes para cada um milhão de habitantes tem-se outra configuração. A região Nordeste se

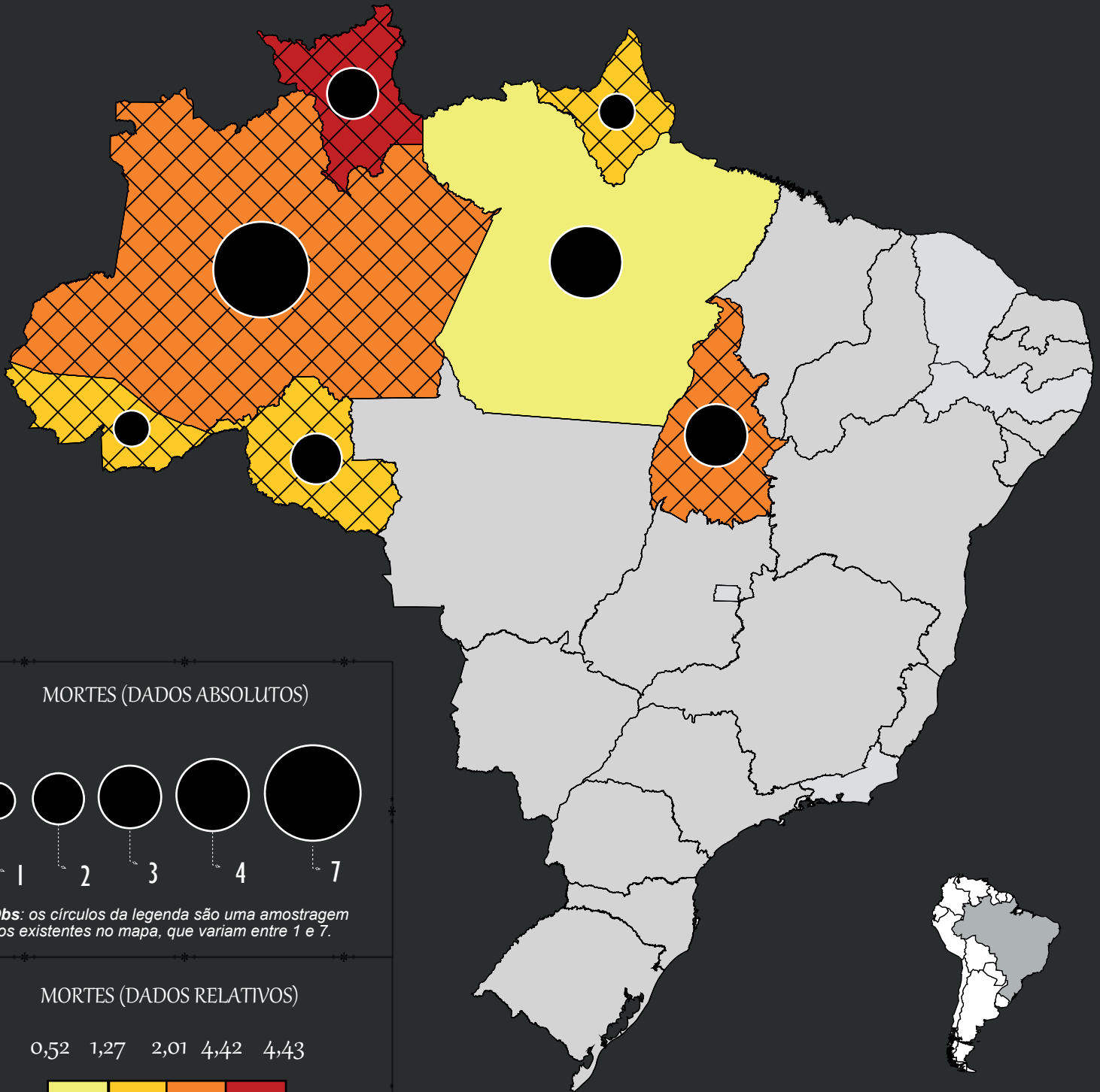
posiciona como a mais violenta com 2,12 mortes para cada um milhão de habitantes, seguido da região Centro-Oeste com 1,28, Norte com 1,26, Sudeste com 0,82 e, por fim, região Sul com 0,73 mortes para cada um milhão de habitantes.

Nos itens seguintes, serão realizados os recortes geográficos com duas leituras e interpretações consideradas substanciais. A primeira leitura está centrada no dado absoluto, isto é, quantos LGBTI+ foram assassinados em determinado recorte territorial, sendo assim, é possível observar um maior número de casos, sobretudo, nos grandes centros urbanos e nas regiões metropolitanas (RMs), consideramos o dado importante, mas não suficiente para realizar uma leitura da totalidade e das dinâmicas que fogem e escapam do dado absoluto. A segunda leitura se dá em torno dos dados relativos, isto é, número de mortes de LGBTI+ para cada um milhão de habitantes de acordo com os dados demográficos do território escolhido para a análise, nessa perspectiva chega-se o mais próximo possível de uma representação mais fidedigna.

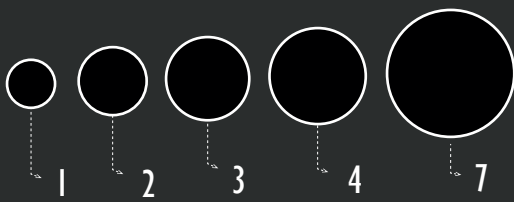
**ESPACIALIZAÇÃO DOS ASSASSINATOS DE LGBTI+ NO BRASIL  
EM 2020 (NORTE)**

# ESPACIALIZAÇÃO DAS MORTES DE LGBTI+ NO BRASIL - 2020

## REGIÃO NORTE



### MORTES (DADOS ABSOLUTOS)



Obs: os círculos da legenda são uma amostragem dos existentes no mapa, que variam entre 1 e 7.


### MORTES (DADOS RELATIVOS)

0,52 1,27 2,01 4,42 4,43



Mortes x 1 Milhão de Habitantes

População do recorte escolhido

 UFs ACIMA DA MÉDIA NACIONAL (1,24)  
 UNIDADES DA FEDERAÇÃO (UF)

Elaboração: **Wilians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. da Silva, 2021.**

Software de Cartomática: PHILCARTO

Base Cartográfica: IBGE - 2010.

FONTE: ACONTECE LGBTI+; GRUPO GAY DA BAHIA, 2021.

0 200 400 600 km



**Tabela 10** - Distribuição das mortes de LGBTI+ na região Norte

Região/UF	Mortes	P/ 1 Milhão de Habitantes
<b>NORTE</b>	<b>20</b>	<b>1,26</b>
Roraima	2	4,43
Tocantins	3	2,16
Amazonas	7	2,01
Amapá	1	1,49
Acre	1	1,36
Rondônia	2	1,28
Pará	4	0,52
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

O mapa 3 “especialização das mortes de LGBTI+ no Brasil na região Norte e a tabela 10 “distribuição das mortes de LGBTI+ na região Norte” evidenciam a dinâmica de distribuição das mortes de LGBTI+ motivadas pela LGBTIfobia nos estados da região Norte.

Os estados da região norte que concentraram os maiores números absolutos de mortes de LGBTI+ foram o estado do Amazonas com 7 mortes, seguido do Pará com 4 mortes, Tocantins com 3 mortes, Roraima e Rondônia com 2 mortes e, por fim, Amapá e Acre com 1 morte registrada.

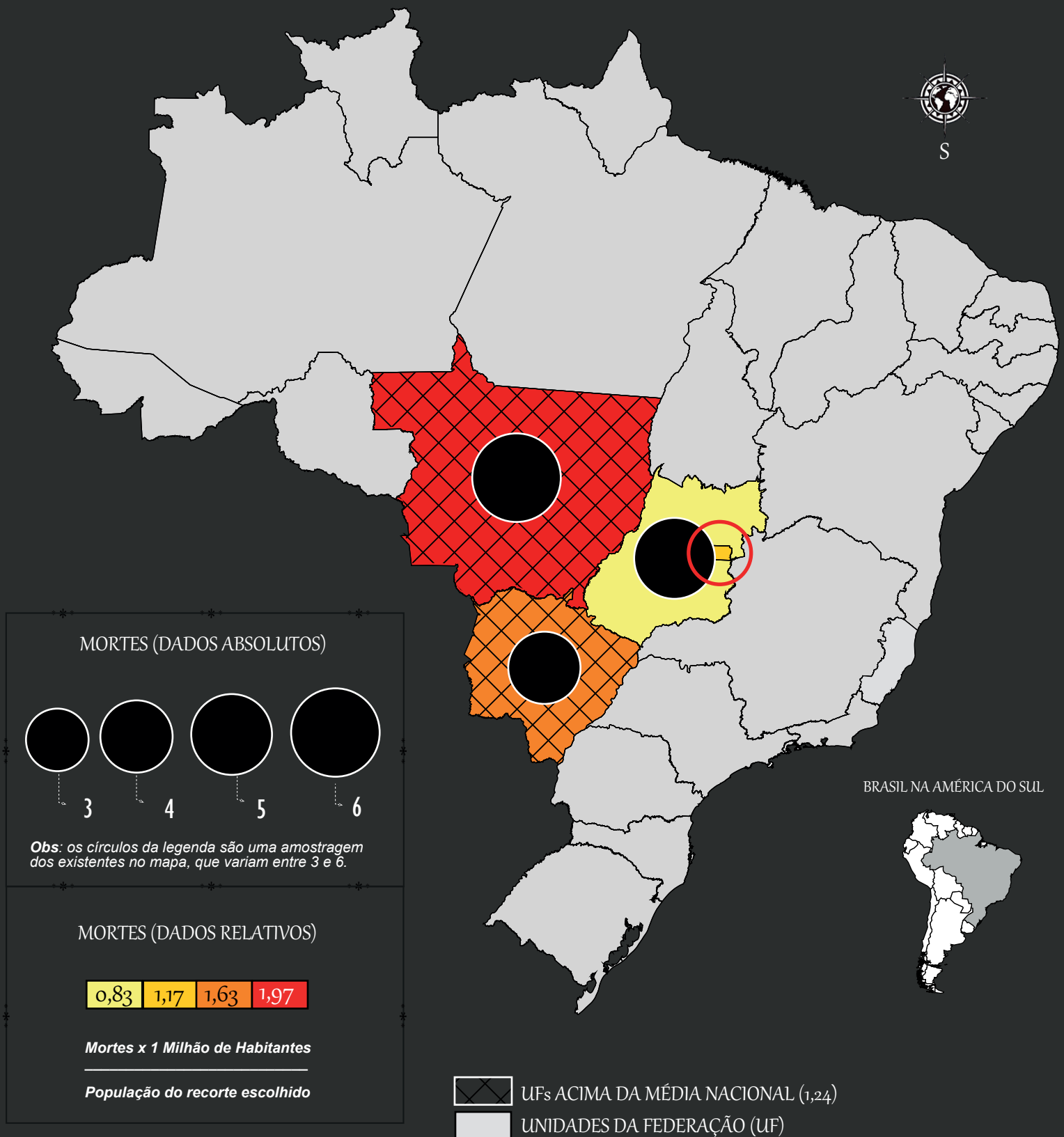
Os dados relativos, isto é, mortes para cada um milhão de habitantes nos revelam uma outra dinâmica espacial e territorial das mortes de LGBTI+ na região Norte. Nesse sentido, Roraima se colocou como o estado mais violento acumulando 4,43 mortes para cada um milhão de habitantes, seguido, de Tocantins com 2,16 mortes, Amazonas com 2,01 mortes, Amapá com 1,49 mortes, Acre com 1,36 mortes, Rondônia com 1,28 mortes e, por fim, o estado do Pará com 0,52 mortes para cada um milhão de habitantes. Vale ressaltar que os estados de Roraima, Tocantins, Amazonas, Amapá, Acre e Rondônia registraram um valor de mortes relativas acima da média nacional, Pará foi o único estado da região norte a registrar um dado relativo abaixo da média nacional.



**ESPACIALIZAÇÃO DOS ASSASSINATOS DE LGBTI+ NO BRASIL  
EM 2020 (CENTRO-OESTE)**

# ESPACIALIZAÇÃO DAS MORTES DE LGBTI+ NO BRASIL - 2020

## REGIÃO CENTRO-OESTE



Elaboração: Wilians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. da Silva, 2021.

Software de Cartomática: PHILCARTO

Base Cartográfica: IBGE - 2010.

FONTE: ACONTECE LGBTI+; GRUPO GAY DA BAHIA, 2021.



**Tabela 11** - Distribuição das mortes de LGBTI+ na região Centro-Oeste

Região/UF	Mortes	P/ 1 Milhão de Habitantes
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>18</b>	<b>1,28</b>
Mato Grosso	6	1,97
Mato Grosso do Sul	4	1,63
Distrito Federal	3	1,17
Goiás	5	0,83
<b>TOTAL</b>	<b>18</b>	

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

O mapa 4 “espacialização das mortes de LGBTI+ no Brasil na região Centro-Oeste e a tabela 11 “distribuição das mortes de LGBTI+ na região Centro-Oeste” evidenciam a dinâmica de distribuição das mortes de LGBTI+ motivadas pela LGBTIfobia nos estados da região Centro-Oeste.

Os estados da região Centro-Oeste que concentraram os maiores números absolutos de mortes de LGBTI+ foram os estados do Mato Grosso com 6 mortes de LGBTI+, seguido de Goiás com 5 mortes, Mato Grosso do Sul com 4 mortes e, por fim, Distrito Federal com 3 mortes de LGBTI+.

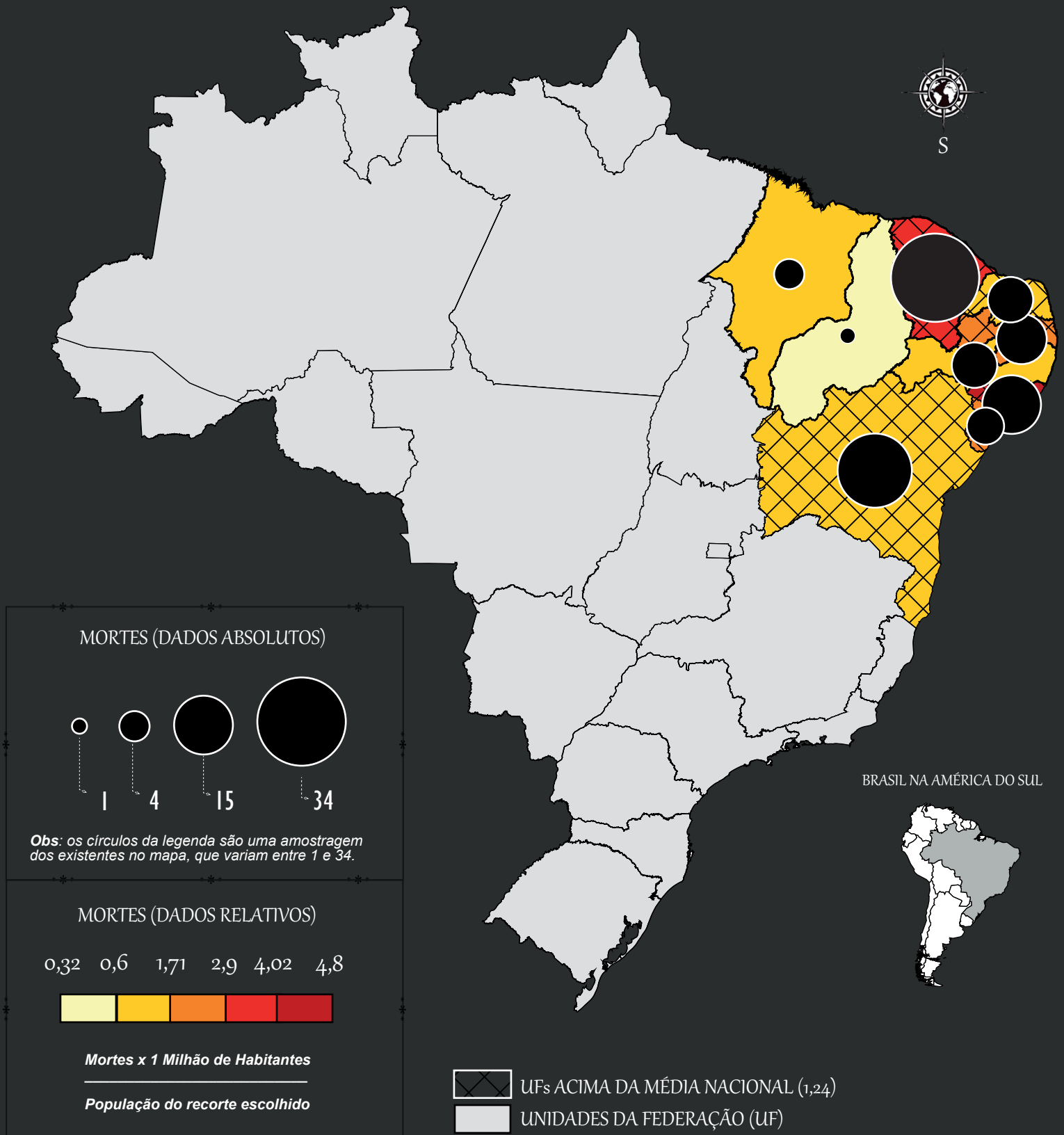
Os dados relativos, isto é, mortes para cada um milhão de habitantes, revelam uma outra dinâmica espacial e territorial das mortes de LGBTI+ na região Centro-Oeste. Nesse sentido, Mato Grosso se colocou como o estado mais violento acumulando 1,97 mortes para cada um milhão de habitantes, seguido do Mato Grosso do Sul com 1,63 mortes, Distrito Federal com 1,17 mortes e, por fim, Goiás com 0,83 mortes para cada um milhão de habitantes.

Vale ressaltar que os estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso registraram um valor de mortes relativas acima da média nacional (1,28), ao mesmo tempo, o Distrito Federal e o estado de Goiás registraram um valor relativo abaixo da média nacional.

# **ESPACIALIZAÇÃO DOS ASSASSINATOS DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2020 (NORDESTE)**

# ESPACIALIZAÇÃO DAS MORTES DE LGBTI+ NO BRASIL - 2020

## REGIÃO NORDESTE



Elaboração: Wilians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. da Silva, 2021.

Software de Cartomática: PHILCARTO

Base Cartográfica: IBGE - 2010.

FONTE: ACONTECE LGBTI+; GRUPO GAY DA BAHIA, 2021.

0 200 400 600 km



**Tabela 12** - Distribuição das mortes de LGBTI+ na região Nordeste

Região/UF	Mortes	P/ 1 Milhão de Habitantes
<b>NORDESTE</b>	<b>113</b>	<b>2,12</b>
Alagoas	15	4,8
Ceará	34	4,02
Paraíba	11	2,92
Sergipe	6	2,9
Rio Grande do Norte	9	2,84
Bahia	24	1,71
Pernambuco	9	1,02
Maranhão	4	0,6
Piauí	1	0,32
<b>TOTAL</b>	<b>113</b>	

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

O mapa 5 “espacialização das mortes de LGBTI+ no Brasil na região Nordeste e a tabela 12 “distribuição das mortes de LGBTI+ na região Nordeste” evidenciam a dinâmica de distribuição das mortes de LGBTI+ motivadas pela LGBTIfobia nos estados da região Nordeste.

Os estados da região Nordeste que concentraram os maiores números absolutos de mortes de LGBTI+ foram os estados do Ceará com 34 mortes de LGBTI+, seguido da Bahia com 24 mortes, Alagoas com 15 mortes, Paraíba com 11 mortes, Rio Grande do Norte e Pernambuco com 9 mortes, Sergipe com 6 mortes, Maranhão com 4 mortes e, por fim, Piauí com 1 morte de LGBTI+.

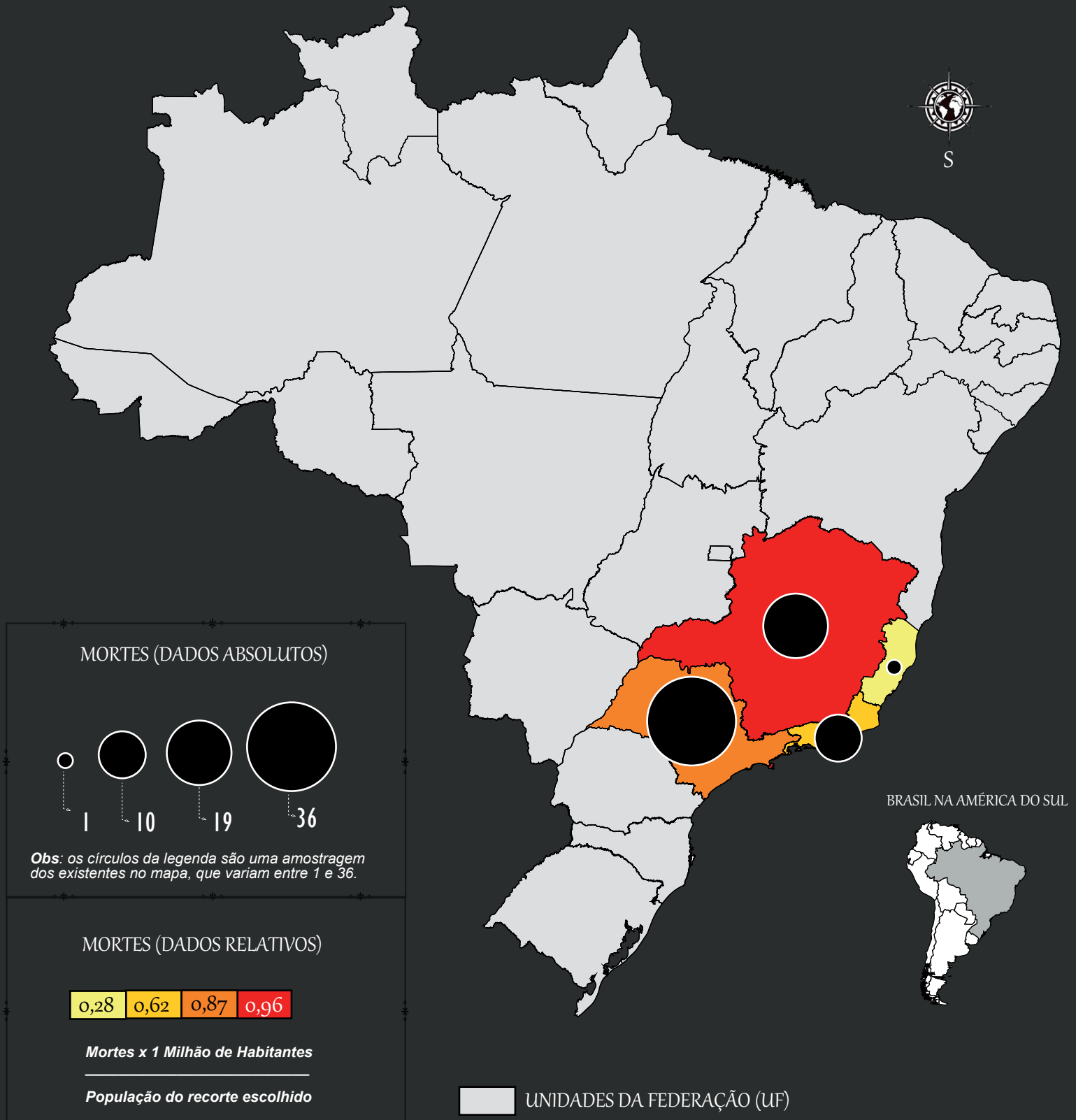
Os dados relativos, isto é, mortes para cada um milhão de habitantes, revelam uma outra dinâmica espacial e territorial das mortes de LGBTI+ na região Nordeste. Nesse sentido, o estado do Alagoas se colocou como o estado mais violento acumulando 4,8 mortes para cada um milhão de habitantes, seguido do Ceará com 4,02 mortes, Paraíba com 2,92 mortes, Sergipe com 2,9 mortes, Rio Grande do Norte com 2,84 mortes, Bahia com 1,71 mortes, Pernambuco com 1,02 mortes, Maranhão com 0,6 mortes e, por fim, Piauí com 0,32 mortes para cada milhão de habitantes.

Vale ressaltar que os estados de Alagoas, Ceará, Paraíba, Sergipe, Rio Grande do Norte e Bahia registraram um valor de mortes relativas acima da média nacional (1,28), ao mesmo tempo, os estados de Pernambuco, Maranhão e Piauí registraram um valor relativo abaixo da média nacional.

**ESPACIALIZAÇÃO DOS ASSASSINATOS DE LGBTI+ NO BRASIL  
EM 2020 (SUDESTE)**

# ESPACIALIZAÇÃO DAS MORTES DE LGBTI+ NO BRASIL - 2020

## REGIÃO SUDESTE



Elaboração: Wilians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. da Silva, 2021.

Software de Cartomática: PHILCARTO

Base Cartográfica: IBGE - 2010.

FONTE: ACONTECE LGBTI+; GRUPO GAY DA BAHIA, 2021.

0 200 400 600 km





**Tabela 13** - Distribuição das mortes de LGBTI+ na região Sudeste

Região/UF	Mortes	P/ 1 Milhão de Habitantes
<b>SUDESTE</b>	<b>66</b>	<b>0,82</b>
Minas Gerais	19	0,96
São Paulo	36	0,87
Rio de Janeiro	10	0,62
Espírito Santo	1	0,28
<b>TOTAL</b>	<b>66</b>	

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

O mapa 6 “espacialização das mortes de LGBTI+ no Brasil na região Sudeste e a tabela 13 “distribuição das mortes de LGBTI+ na região Sudeste” evidenciam a dinâmica de distribuição das mortes de LGBTI+ motivadas pela LGBTIfobia nos estados da região Sudeste.

Os estados da região Sudeste que concentram os maiores números absolutos de mortes de LGBTI+ foram os estados de São Paulo com 36 mortes de LGBTI+ em 2020, seguido de Minas Gerais com 19 mortes, Rio de Janeiro com 10 mortes e, por fim, Espírito Santo com 1 morte de LGBTI+ em 2020.

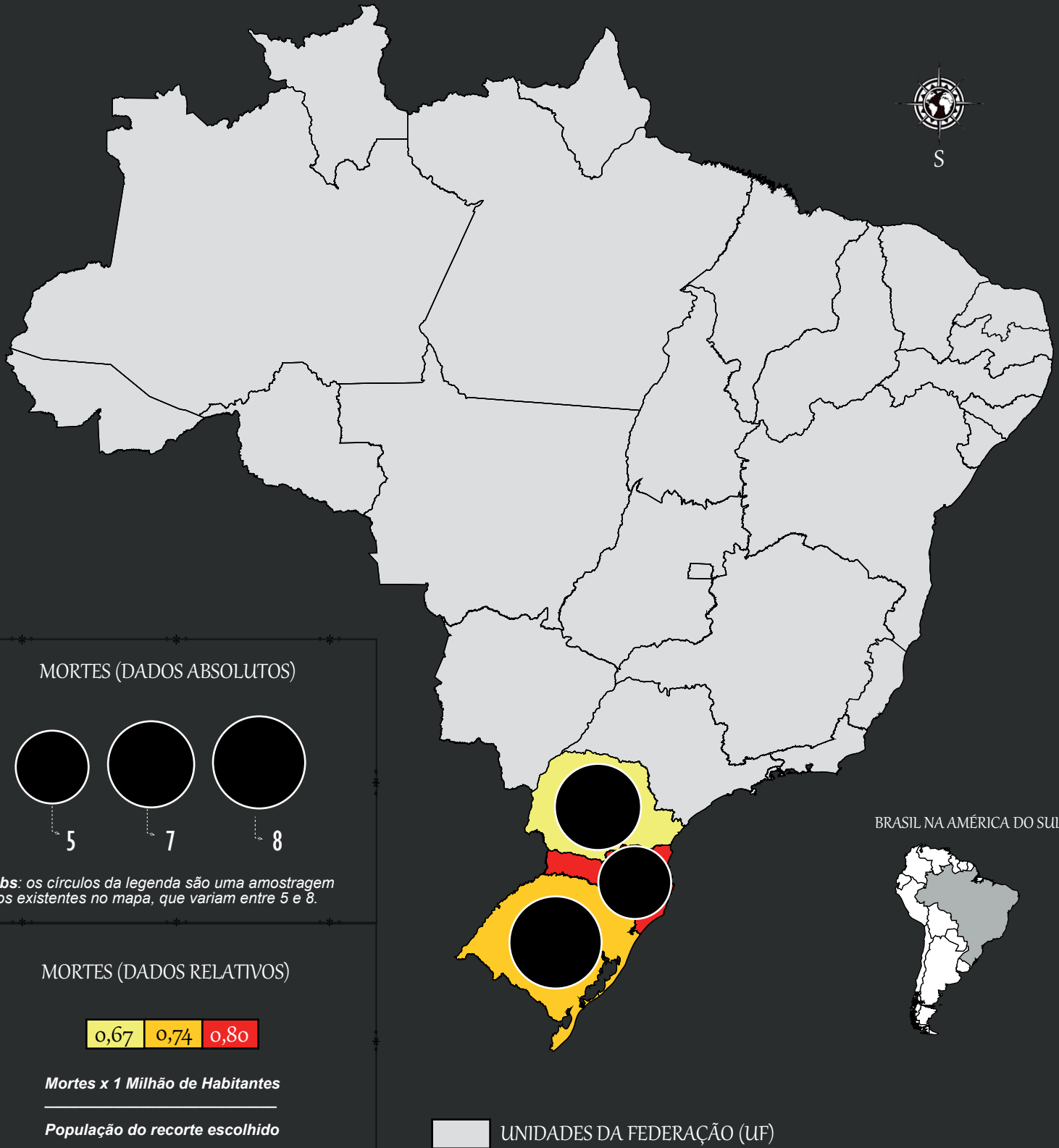
Os dados relativos, isto é, mortes para cada um milhão de habitantes, revelam uma outra dinâmica espacial e territorial das mortes de LGBTI+ na região Sudeste. Nesse sentido, o estado de Minas Gerais se colocou como o estado mais violento, acumulando 0,96 mortes para cada um milhão de habitantes, seguido de São Paulo com 0,87 mortes, Rio de Janeiro com 0,62 mortes e, por fim, Espírito Santo com 0,28 mortes para cada um milhão de habitantes.

Vale ressaltar que todos os estados da região Sudeste estão abaixo da média nacional de mortes de LGBTI+ no Brasil em 2020 segundo o Observatório de Mortes LGBTI+.

**ESPACIALIZAÇÃO DOS ASSASSINATOS DE LGBTI+ NO BRASIL  
EM 2020 (SUL)**

# ESPACIALIZAÇÃO DAS MORTES DE LGBTI+ NO BRASIL - 2020

## REGIÃO SUL



Elaboração: Wilians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. da Silva, 2021.

Software de Cartomática: PHILCARTO

Base Cartográfica: IBGE - 2010.

FONTE: ACONTECE LGBTI+; GRUPO GAY DA BAHIA, 2021.



**Tabela 14** - Distribuição das mortes de LGBTI+ na região Sul

Região/UF	Mortes	P/ 1 Milhão de Habitantes
<b>SUL</b>	<b>20</b>	<b>0,73</b>
Santa Catarina	5	0,8
Rio Grande do Sul	8	0,74
Paraná	7	0,67
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

O mapa 7 “especialização das mortes de LGBTI+ no Brasil na região Sul e a tabela 14 “distribuição das mortes de LGBTI+ na região Sul” evidenciam a dinâmica de distribuição das mortes de LGBTI+ motivadas pela LGBTIfobia nos estados da região Sul.

Os estados da região Sul que concentraram os maiores números absolutos de mortes de LGBTI+ foram os estados de Rio Grande do Sul com 5 mortes de LGBTI+ em 2020, seguido do Paraná com 7 mortes de LGBTI+ e, por fim, Santa Catarina com 5 mortes de LGBTI+ em 2020.

Os dados relativos, isto é, mortes para cada um milhão de habitantes revelam uma outra dinâmica espacial e territorial das mortes de LGBTI+ na região Sul. Nesse sentido, o estado de Santa Catarina se colocou como o estado mais violento, acumulando 0,8 mortes para cada um milhão de habitantes, seguido do Rio Grande do Sul com 0,74 mortes para cada um milhão de habitantes e, por fim, Paraná com 0,67 mortes para cada um milhão de habitantes.

Vale ressaltar que todos os estados da região Sul estão abaixo da média nacional de mortes de LGBTI+ no Brasil em 2020 segundo o Observatório de Mortes LGBTI+.



## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

O ano de 2020 foi marcado pela maior e pior pandemia da história recente. No início de maio de 2021, pouco mais de um ano do registro oficial do primeiro caso registrado no país, o Brasil já supera a trágica marca de mais de 411 mil óbitos, com perspectivas desanimadoras, potencializadas pela incapacidade, ineficiência e indisposição governamental. O negacismo do governo federal na condução da pandemia no Brasil chocou o mundo, resultado inclusive em denúncias aos órgãos internacionais. Ao invés de compra de vacinas, isolamento social e estímulo às medidas de proteção, como uso de máscara e distanciamento social, o que se viu no país foi a distribuição massiva de medicamentos sem comprovação científica no tratamento da doença, desrespeito às recomendações da Organização Mundial da Saúde e escassez de vacinas. Foram 4 ministros da saúde em menos de dois anos, enquanto o Brasil chorava suas vítimas e se anesthesiava com os recordes sucessivos de mortes.

Quantos LGBTI+ morreram nesta pandemia? Quantas dessas mortes eram evitáveis, se medidas corretas tivessem sido adotadas pelas autoridades? Quantas dessas mortes foram por falta de oxigênio ou de leitos de UTI? Esse, infelizmente, é um dado que dificilmente saberemos.

Conforme artigo do Conselho Nacional de Saúde<sup>13</sup>, tornou-se um grande desafio para as LGBTI+ e mulheres ficarem em casa devido a pandemia, em especial travestis e transexuais e demais identidades que sofrem violências intrafamiliares. Muitos casos de feminicídio e transfeminicídio tiveram aumento em muitos estados brasileiros, pois o isolamento social obrigou as LGBTI+ e mulheres permanecerem na convivência de um período mais prolongado com seus agressores.

O documento traz o caso do estado do Mato Grosso para elucidar o aumento da violência, com o registro de 160 ocorrências de janeiro a agosto de 2020 de crimes contra LGBTI+, que comparado ao mesmo período em 2019 de 77 boletins, teve um aumento de 108%. Acreditamos que com a equiparação da LGBTIfobia com o crime de racismo pelo Supremo Tribunal Federal (STF), tivemos aumento das denúncias às violências contra nós, que sempre existiram.

Tem como hipótese que com o fechamento de atividades não essenciais, em especial boates, bares e equipamentos de cultura dentre outros, obrigando as LGBTI+ a ter menos convívio social externo, auxiliou no registro menor de mortes violentas de LGBTI+ em 2020, em especial a quantidade de Gays assassinados que ficou abaixo das pessoas Trans e Travestis pela primeira vez.

---

<sup>13</sup> ARTIGO: Pandemia, LGBTfobia e os impactos das negligências do Estado para esta população. Acesso em 25/04/2021. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1640-artigo-pandemia-lgbtfobia-e-os-impactos-das-negligencias-do-estado-para-esta-populacao>

Isso evidencia o já demonstrado no Dossiê dos assassinatos e da violência contra pessoas Trans de 2020 elaborado pela ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais, que aponta:

quando vemos que o assassinato de pessoas trans aumentou, notamos que a vida das pessoas trans, principalmente as travestis e mulheres transexuais trabalhadoras sexuais, que seguem exercendo seu trabalho nas ruas, tem sido diretamente afetada. Temos um cenário onde os fatores sociais se intensificam e impactam a vida das pessoas trans, especialmente as travestis e mulheres transexuais trabalhadoras sexuais, que seguem exercendo seu trabalho nas ruas para ter garantida sua subsistência. Nossas pesquisas estimam que cerca de 70% da população de travestis e mulheres transexuais não conseguiram acesso às políticas emergenciais do Estado, devido à precarização histórica de suas vidas, chegando a terem perda significativa em suas rendas. Assim, não resta outra opção, a não ser continuar o trabalho nas ruas, impondo que tal grupo se exponha ao vírus em todas as fases da pandemia. (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020, p. 8)

Somasse com a falta de registros oficiais do estado brasileiro, gerando incompatibilidade com o número de casos reais, como reflexo de uma despadronização dos estados na forma de classificar e documentar os casos. Mesmo com a resolução federal de dezembro de 2014, demarcando os parâmetros para inclusão de identidade de gênero e orientação sexual nos boletins, esse registro não acontece em todo o país.

Independentemente de medidas governamentais pontuais, o poder judiciário também avançou com a condenação de réus acusados pela morte de LGBTI+, demonstrando avanço e, em certa medida uma contribuição no combate a LGBTIfobia. Contudo, esse avanço precisa continuar para que nenhuma morte fique sem justiça e para que a sensação de impunidade não prevaleça diante dos crimes praticados contra a população LGBTI+.

Infelizmente, ainda há muito que se avançar nos poderes Legislativo e Executivo no Brasil, diante das tentativas e das investidas de setores conservadores e fundamentalistas contra os direitos fundamentais da população LGBTI+. Neste sentido, precisamos continuar vigilantes a estes movimentos, para denunciar arroubos autoritários de quem acredita que instituições do Estado estão à serviço de indivíduos e não do bem comum em sintonia com a Constituição Federal. Os retrocessos vividos nestes últimos anos nos mostram que nenhum direito está garantido, se o poder está nas mãos de quem nutre pouco ou nenhum apreço pelos direitos humanos e por nossa população.

Já não bastasse a problemática da violência, a crise econômica vivida pelo país, somada à taxa de desemprego recorde, também desperta nossa atenção para a insegurança alimentar, que já atinge 125 milhões de brasileiros, principalmente a população LGBTI+, que muitas vezes é preterida no mercado de trabalho. Neste sentido, urge que medidas de proteção sejam adotadas para assegurar uma renda mínima às populações mais vulneráveis.

Também insistimos na urgência de ações governamentais com vistas a reverter o gravíssimo quadro atual de violência e discriminação contra LGBTI+ no Brasil, destacando tais prioridades:

- Educação sexual e de gênero em todos os níveis escolares para ensinar jovens e população em geral o respeito aos direitos humanos e cidadania da população LGBTI+;
- Cumprimento rigoroso dos julgamentos e jurisprudência garantindo a cidadania plena da população LGBTI+, sobretudo, no reconhecimento do casamento homoafetivo e a equiparação da homolesebitransfobia ao crime de racismo;
- Políticas públicas na área da saúde, direitos humanos, educação, que contribuam para erradicar as mortes violentas e proporcionem igualdade cidadã à comunidade LGBTI+;
- Exigir que a Polícia e Justiça investiguem diligentemente e punam com toda severidade da lei os crimes LGBTIfóbicos.
- E um apelo às LGBTI+ para que quando vítimas de qualquer ameaça ou violência, denunciem.



## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, I. Heterossexismo, patriarcado e diversidade sexual. In: NOGUEIRA, L. et al (Org.) **Hasteemos a bandeira colorida: diversidade sexual e de gênero no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p. 55-85.

ADORNO, Sergio; PASINATO, Wânia. Violência e impunidade penal: Da criminalidade detectada à criminalidade investigada. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 3, n. 7, p. 51-84, jan./fev./mar., 2010.

BONASSI, Brune Camillo. Cisnorma: acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero. Dissertação Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2017.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021

CESAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André de Macedo. Governo e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 66, p. 141-155, Dec. 2017.

CERQUEIRA, Daniel Cerqueira (IPEA); BUENO, Samira Bueno (FBSP) (coord.). **Atlas da violência 2019**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Manual de Sobrevivência**. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2013/08/manual-de-sobrevivencia-homossexual.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MOTT, Luiz; YONARA, Zora. **Boletim do Grupo Gay da Bahia**, Salvador, n. 38, mar. 1999.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. Causa Mortis: Homofobia. **Boletim do Grupo Gay da Bahia**, Salvador, n. 42, abr. 2001.

MOTT, Luiz. Anti-homossexualidade: a gênese da homofobia. **Revista de Estudos de Cultura**, n. 2, p. 16-32, mai./ago., 2015.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. **O crime anti-homossexual no Brasil**. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2002.

MOTT, Luiz (editor). **Boletim do Grupo Gay da Bahia**. Salvador: Editora GGB; Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos, 2011.

MARTINELLI, Andréa. '**O Brasil não pode ser o país do turismo gay, temos famílias**', diz **Bolsonaro**. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-turismo-gay\\_br\\_5cc21e12e4b05f4d35fdaf66](https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-turismo-gay_br_5cc21e12e4b05f4d35fdaf66). Acesso em: 09 abr. 2020.

MARTINELLI, Andréa. **Número de pessoas trans assassinadas no Brasil cai 24% em 2019, mas país ainda é o que mais mata**. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/mortes-pessoas-trans-2019\\_br\\_5e309f6cc5b6e8375f6436a1](https://www.huffpostbrasil.com/entry/mortes-pessoas-trans-2019_br_5e309f6cc5b6e8375f6436a1). Acesso em: 05 abr. 2020.

NOGUEIRA, L. As determinações patriarcais-heterossexistas da sociedade capitalista. In: NOGUEIRA, L. et al (Org.) **Hasteemos a bandeira colorida: diversidade sexual e de gênero no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p. 29-55

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. **Desejo, preconceito e morte: assassinatos de LGBT em Sergipe – 1980 a 2010**. 2. ed. Paripiranga-BA: Faculdade AGES, 2014.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; Mott, Luiz. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia** – 1. ed. – Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

SOUZA, Rafael de. **“Saindo do Gueto”:** o movimento homossexual no Brasil da abertura, 1978-1982. 137p. Dissertação. Programa de Pós-graduação em sociologia, faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SOUZA, Wilians Ventura Ferreira; FELICIANO, Carlos Alberto. **Mapeamento dos crimes de ódio contra LGBTs: uma leitura socioespacial da violência entre os anos de 2017 e 2018.** Revista Geografia em Atos (Geo Atos online) - Dossiê “Gênero e sexualidade nas tramas geográficas: espaço e interseccionalidade” - v. 1, n. 16, p. 121-140, mar, 2020. DOI: 10.35416/geoatos.v1i16.7283"

WAREHAM, James; **MURDERED, Hanged And Lynched: 331 Trans People Killed This Year.** Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/jamiewareham/2019/11/18/murdered-hanged-and-lynched-331-trans-people-killed-this-year/#6a1f76722d48>. Acesso em: 06 abr. 2021

## **ANEXO 1**

### **MORTES POR MUNICÍPIO EM 2020**

<b>COD.MUNICIPIO</b>	<b>MUNICÍPIO</b>	<b>Nº</b>	<b>UF</b>	<b>REGIÃO</b>
2304400	Fortaleza	20	CE	NORDESTE
3550308	São Paulo	10	SP	SUDESTE
3106200	Belo Horizonte	6	MG	SUDESTE
1302603	Manaus	6	AM	NORTE
2408102	Natal	5	RN	NORDESTE
2927408	Salvador	5	BA	NORDESTE
4205407	Florianópolis	4	SC	SUL
2800308	Aracaju	3	SE	NORDESTE
5300108	Brasília	3	DF	CENTRO-OESTE
4106902	Curitiba	3	PR	SUL
2507507	Joao Pessoa	3	PB	NORDESTE
2704302	Maceió	3	AL	NORDESTE
2611606	Recife	3	PE	NORDESTE
3304557	Rio de Janeiro	3	RJ	SUDESTE
2707701	Rio Largo	3	AL	NORDESTE
3548708	São Bernardo do Campo	3	SP	SUDESTE
2708303	São José da Laje	3	AL	NORDESTE
5201108	Anápolis	2	GO	CENTRO-OESTE
2800704	Brejo Grande	2	SE	NORDESTE
2504009	Campina Grande	2	PB	NORDESTE
3509502	Campinas	2	SP	SUDESTE
2604106	Caruaru	2	PE	NORDESTE
4306908	Encruzilhada do Sul	2	RS	SUL
2910800	Feira de Santana	2	BA	NORDESTE
2914802	Itabuna	2	BA	NORDESTE
3302205	Itaperuna	2	RJ	SUDESTE
3302502	Magé	2	RJ	SUDESTE
2704708	Marechal Deodoro	2	AL	NORDESTE
3151206	Pirapora	2	MG	SUDESTE
2311306	Quixadá	2	CE	NORDESTE
4316907	Santa Maria	2	RS	SUL
2111300	São Luis	2	MA	NORDESTE
2312908	Sobral	2	CE	NORDESTE
2200103	Agricolândia	1	PI	NORDESTE
2500304	Alagoa Grande	1	PB	NORDESTE
2900702	Alagoinhas	1	BA	NORDESTE
3501608	Americana	1	SP	SUDESTE
5201405	Aparecida de Goiânia	1	GO	CENTRO-OESTE
5001003	Aparecida do Taboado	1	MS	CENTRO-OESTE
2301000	Aquiraz	1	CE	NORDESTE

3103504	Araguari	1	MG	SUDESTE
2700300	Arapiraca	1	AL	NORDESTE
3504107	Atibaia	1	SP	SUDESTE
2501609	Barra de Santa Rosa	1	PB	NORDESTE
3300407	Barra Mansa	1	RJ	SUDESTE
3506003	Bauru	1	SP	SUDESTE
2501807	Bayeux	1	PB	NORDESTE
1400100	Boa Vista	1	RR	NORTE
3507001	Boituva	1	SP	SUDESTE
3109204	Buenópolis	1	MG	SUDESTE
2503001	Caaporã	1	PB	NORDESTE
2503704	Cajazeiras	1	PB	NORDESTE
2905701	Camaçari	1	BA	NORDESTE
2302602	Camocim	1	CE	NORDESTE
4303905	Campo Bom	1	RS	SUL
5002704	Campo Grande	1	MS	CENTRO-OESTE
4104204	Campo Largo	1	PR	SUL
2801207	Canindé de São Francisco	1	SE	NORDESTE
1400209	Caracaraí	1	RR	NORTE
2303501	Cascavel	1	CE	NORDESTE
2303709	Caucaia	1	CE	NORDESTE
2402600	Ceará-Mirim	1	RN	NORDESTE
3118304	Conselheiro Lafaiete	1	MG	SUDESTE
2304103	Crateús	1	CE	NORDESTE
3513405	Cruzeiro	1	SP	SUDESTE
5103403	Cuiabá	1	MT	CENTRO-OESTE
1502764	Cumarú do Norte	1	PA	NORTE
2403103	Currais Novos	1	RN	NORDESTE
5003454	Deodópolis	1	MS	CENTRO-OESTE
5003702	Dourados	1	MS	CENTRO-OESTE
3514957	Embaúba	1	SP	SUDESTE
3515103	Embu-Guaçu	1	SP	SUDESTE
4307005	Erechim	1	SC	SUL
3124104	Esmeralda	1	MG	SUDESTE
3516309	Francisco Morato	1	SP	SUDESTE
3127008	Fronteira	1	MG	SUDESTE
3127701	Governador Valadares	1	MG	SUDESTE
3518701	Guarujá	1	SP	SUDESTE
2912103	Ibicaí	1	BA	SUDESTE
3519600	Ibitinga	1	SP	SUDESTE
2105203	Igarapé Grande	1	MA	NORDESTE

2305506	Iguatu	1	CE	NORDESTE
2913606	Ilhéus	1	BA	NORDESTE
2305605	Independência	1	CE	NORDESTE
5210208	Iporá	1	GO	CENTRO-OESTE
2306256	Itaitinga	1	CE	NORDESTE
2916807	Itarantim	1	BA	NORDESTE
3523909	Itu	1	SP	SUDESTE
2607901	Jaboatão dos Guararapes	1	PE	NORDESTE
2703403	Jacaré dos Homens	1	AL	NORDESTE
3525300	Jaú	1	SP	SUDESTE
2918001	Jequié	1	BA	NORDESTE
2918407	Juazeiro	1	BA	NORDESTE
3136702	Juiz de Fora	1	MG	SUDESTE
1600279	Laranjal do Jari	1	AP	NORTE
3526902	Limeira	1	SP	SUDESTE
2608909	Limoeiro	1	PE	NORDESTE
4113700	Londrina	1	PR	SUDESTE
2919553	Luís Eduardo Magalhães	1	BA	NORDESTE
3302403	Macaé	1	RJ	SUDESTE
3528403	Mairinque	1	SP	SUDESTE
3139409	Manhuaçu	1	MG	SUDESTE
1504208	Marabá	1	PA	NORTE
3302700	Maricá	1	RJ	SUDESTE
5103254	Mato Grosso	1	MT	CENTRO-OESTE
1302900	Maués	1	AM	NORTE
2921104	Medeiros Neto	1	BA	NORDESTE
3530300	Mirassol	1	SP	SUDESTE
2308401	Missão Velha	1	CE	NORDESTE
2609402	Moreno	1	PE	NORDESTE
2922003	Mucuri	1	BA	NORDESTE
2408201	Nísia Floresta	1	RN	NORDESTE
1505486	Pacajá	1	PA	NORTE
2309607	Pacajus	1	CE	NORDESTE
1721000	Palmas	1	TO	NORTE
4118501	Pato Branco	1	PR	SUL
2510808	Patos	1	PB	NORDESTE
3148202	Patrocínio do Muriaé	1	MG	SUDESTE
2409407	Pau dos Ferros	1	RN	NORDESTE
2108108	Paulo Ramos	1	MA	NORDESTE
2611002	Petrolândia	1	PE	NORDESTE
3538709	Piracicaba	1	SP	SUDESTE

5217609	Planaltina	1	GO	CENTRO-OESTE
4314902	Porto Alegre	1	RS	SUL
1718204	Porto Nacional	1	TO	NORTE
2707503	Porto Real do Colégio	1	AL	NORDESTE
1100205	Porto Velho	1	RO	NORTE
5107065	Querência	1	MT	CENTRO-OESTE
3542701	Restinga	1	SP	SUDESTE
1200401	Rio Branco	1	AC	NORTE
1100288	Rolim de Moura	1	RO	NORTE
5107602	Rondonópolis	1	MT	CENTRO-OESTE
1506302	Salvaterra	1	PA	NORTE
4316808	Santa Cruz do Sul	1	RS	SUL
2928604	Santo Amaro	1	BA	NORDESTE
2928703	Santo Antônio de Jesus	1	BA	NORDESTE
5107800	Santo Antônio do Leverger	1	MT	CENTRO-OESTE
4318002	São Borja	1	RS	SUL
2928950	São Domingos	1	BA	NORDESTE
3549805	São José do Rio Preto	1	SP	SUDESTE
4125803	São Pedro Ivaí	1	PR	SUL
3550605	São Roque	1	SP	SUDESTE
2930774	Sobradinho	1	BA	NORDESTE
3553807	Taquarituba	1	SP	SUDESTE
3554102	Taubaté	1	SP	SUDESTE
2709152	Teótonio Vilela	1	AL	NORDESTE
2211001	Teresina	1	TO	NORDESTE
3170701	Varginha	1	MG	SUDESTE
5108402	Várzea Grande	1	MT	CENTRO-OESTE
3171204	Vespasiano	1	MG	SUDESTE
3205309	Vitória	1	ES	CENTRO-OESTE
2933307	Vitória da Conquista	1	BA	NORDESTE



## **ANEXO 2**

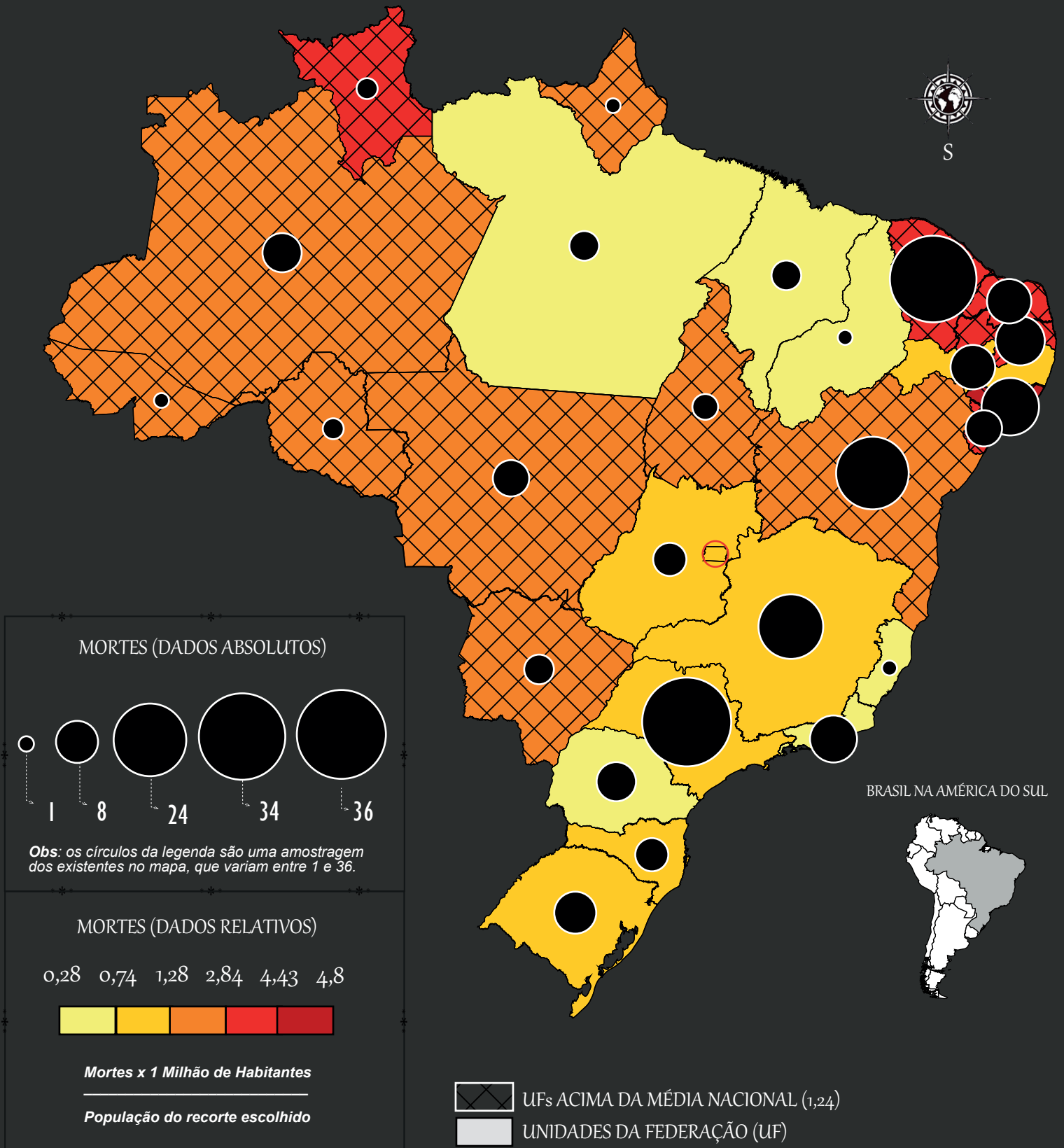
### **MORTES POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO (UF) EM 2020**

<b>ID</b>	<b>ESTADO</b>	<b>MORTES VIOLENTAS</b>	<b>MORTES POR MILHÃO</b>
27	Alagoas	15	4,8
14	Roraima	2	4,43
23	Ceará	34	4,02
25	Paraíba	11	2,92
28	Sergipe	6	2,9
24	Rio Grande do Norte	9	2,84
17	Tocantins	3	2,16
13	Amazonas	7	2,01
51	Mato Grosso	6	1,97
29	Bahia	24	1,71
50	Mato Grosso do Sul	4	1,63
16	Amapá	1	1,49
12	Acre	1	1,36
11	Rondônia	2	1,28
53	Distrito Federal	3	1,17
26	Pernambuco	9	1,02
31	Minas Gerais	19	0,96
35	São Paulo	36	0,87
52	Goiás	5	0,83
42	Santa Catarina	5	0,8
43	Rio Grande do Sul	8	0,74
41	Paraná	7	0,67
33	Rio de Janeiro	10	0,62
21	Maranhão	4	0,6
15	Pará	4	0,52
22	Piauí	1	0,32
32	Espírito Santo	1	0,28



# ESPACIALIZAÇÃO DAS MORTES DE LGBTI+ NO BRASIL - 2020

## UNIDADES DA FEDERAÇÃO (UF)



Elaboração: Wilians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. da Silva, 2021.

Software de Cartomática: PHILCARTO

Base Cartográfica: IBGE - 2010.

FONTE: ACONTECE LGBTI+; GRUPO GAY DA BAHIA, 2021.

0 200 400 600 km

